



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA COGNITIVA

MARIA LUISA BARROS SANTOS LUCENA

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E CRENÇAS DE ADULTOS
SOBRE O ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

RECIFE

2025

MARIA LUISA BARROS SANTOS LUCENA

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E CRENÇAS DE ADULTOS
SOBRE O ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Orientador: Prof. Drº José Maurício Haas
Bueno

Coorientador: Profa. Draº Aline Lobato

Aprovada em 24/02/2025

RECIFE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Lucena, Maria Luisa Barros Santos.

Inteligência emocional e crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes / Maria Luisa Barros Santos Lucena. - Recife, 2025.

90f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2025.

Orientação: José Maurício Haas Bueno.

Coorientação: Aline Lobato.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Abuso Sexual Infanto-Juvenil; 2. Crenças; 3. Inteligência Emocional. I. Bueno, José Maurício Haas. II. Lobato, Aline. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA LUISA BARROS SANTOS LUCENA

**“INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E CRENÇAS DE ADULTOS SOBRE O ABUSO
SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 24/02/2025

BANCA EXAMINADORA

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof^ª. Dr^ª Emily Souza Gaião e Albuquerque (Examinadora Externa)
Universidade Estadual da Paraíba

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof^ª. Dr^ª. Lorena Bandeira Melo de Sá (Examinadora Externa)
Centro Universitário Maurício de Nassau – Campina Grande

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Antônio de Pádua Serafim (Examinador Externo)
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho a todas as vítimas que sofreram e que ainda sofrem diariamente com esse tipo de crime. Que ele possa servir como fonte de ressignificação, força e esperança na construção de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

O início do meu percurso acadêmico se deu em 2016, em busca da construção de um dos meus sonhos de adolescente. Rumo à vontade imensa de querer fazer a diferença no mundo, atrás daquilo que movia meu coração e despertava tamanho sentido: o curso de Psicologia. Foram anos árduos de muito empenho, dedicação, determinação e processos, sejam eles internos e externos, mas todos me fizeram alcançar os objetivos que tinha enquanto estudante e futura profissional.

Em todas as vezes que duvidei do meu esforço, de quem eu era e do que eu queria para a vida, o curso foi meu guia. A Psicologia me salvou, e isopor esse motivo desejo tocar a vida de tantas outras pessoas através daquilo que eu mais aprendi a fazer, pesquisa. O mestrado me fez ter ainda mais certeza de que eu amo pesquisar e, além disso, repassar esse conhecimento. Dessa forma, foi construído meu mais novo sonho: ser professora. E, para chegar até esse momento da minha vida, principalmente ao fim dessa jornada, eu tive uma rede de apoio incrível, que não só me incentivou, como construiu esse sonho comigo. Assim, devo a cada um minha eterna gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as vezes que acalentou meu coração tão ansioso, angustiado e estressado, e que me deu forças para ir atrás dos meus sonhos abençoados por Ele. Sem seu auxílio, não teria alcançado os objetivos, muito menos percorrido caminhos incríveis e encontrado pessoas iluminadas.

Agradeço também à minha família, que do seu modo, me incentivou a ir atrás dos meus propósitos. À minha mãe Sonia, quero agradecer por suas orações, por todas as vezes em que se preocupou comigo morando sozinha em outro estado, por apoiar meu retorno à nossa cidade, por acordar de madrugada para se despedir de mim pois eu precisava ir assistir aula e por tantas outras coisas. Mãe, seus cuidados não só não passaram despercebidos, como também foram essenciais. Espero ser motivo de orgulho para a senhora. A meu pai Rômulo, agradeço as orações e cuidado, mesmo que tão tímidos, mas de imensa força. Aos meus irmãos Rômulo, Ramon e David, que amo de todo coração e alma, também sou grata pelas orações. Cada um não só torceu por mim ao longo desses anos, como vibrou comigo por cada vitória. Também agradeço à minha Tia Rita e à minha prima Lara que, mesmo de longe, se fizeram presentes na jornada, me motivando e incentivando a sempre alçar grandes voos.

Aos meus amigos, minha segunda família, meu peito se rasga para saírem as palavras de agradecimento a vocês. Bárbara Tejo, minha melhor amiga e colega de profissão, obrigada

por me inspirar a ser melhor e a buscar meus sonhos. Júlia, gratidão pelas diversas vezes em que ofertou sua escuta amiga e me abraçou, mesmo que à distância. Henrique, sou grata por seus conselhos, pela força para buscar meus sonhos e para viver cada momento com paciência. Paula, obrigada por sua felicidade ao acompanhar, assistir e torcer pela minha evolução nesses tantos anos de amizade.

Também agradeço a Lu, que viveu cada etapa desse processo, desde abertura do edital do mestrado até agora. Você soube entender meus processos, esperar e rezar em cada momento, torcendo e acreditando que o melhor viria, porque não havia outra alternativa na vida de quem você tanto admira, eu. Obrigada por construir esse sonho comigo, por me motivar e trazer a racionalidade quando as coisas pareciam turvas. Todo seu cuidado, zelo, companheirismo e estímulo me tornaram mais firme.

Agradeço também aos colegas do NEAP, em nome de Mariana, Thaíssy e Cláudia, que me tiraram inúmeras dúvidas e sempre estiveram de braços abertos para acolher qualquer demanda, mesmo que situações pessoais.

Agradeço a todos os professores da Pós-Graduação, que me ensinaram a importância do ensino e da ciência, mas principalmente à Candy, à Karina e à Selma, três excelentes profissionais que fizeram enorme diferença na minha vida acadêmica e pessoal.

Agradeço também ao meu orientador José Maurício, com quem costumo brincar que é um pai para mim, por seu cuidado e zelo para que minhas experiências, não só do mestrado, mas também da pesquisa e da docência, fossem o mais leve possível. Maurício é sinônimo de bondade, delicadeza e prestatividade, nunca me deixou desamparada. O senhor é uma inspiração, espero ser ao menos metade do que és quando me tornar professora.

Agradeço à minha coorientadora Aline Lobato, minha mãe acadêmica, que está comigo desde a graduação, quando me aproximei no primeiro período e, desde então, tem sido uma parceria imensurável. Aline é meu primeiro exemplo acadêmico, mulher forte, guerreira e inteligente, que me ensinou que basta querer para conseguirmos ganhar o mundo, e não é diferente ao me olhar. Ela sempre me incentivou a ir além e dar meu melhor, tudo é muito pouco diante da imensidão do que eu posso alcançar e realizar. Me tornei um exemplo que ela usa em aulas e palestras, considero uma grande honra.

Por fim, agradecer aos professores que compuseram a minha banca, Lorena, Emily e Antonio que, de modo especial e particular, também fizeram parte da minha vida e jornada acadêmica, contribuindo na formação da profissional que sou e serei.

RESUMO

O abuso sexual infanto-juvenil é uma das formas de violência sexual que perpassa as mais diversas áreas do ser humano ao longo da história, depreende-se que o abuso é toda forma de gratificação sexual do agressor perante uma vítima mais jovem que não compreende a circunstância. Contudo, apesar de sua relevância, o assunto ainda contém lacunas para prevenção, repressão e solução dele. Assim, a presente pesquisa faz uma explanação da definição, dados, tipos, consequências, crenças acerca e o processo cognitivo da inteligência emocional como aporte para compreensão do tema. O objetivo geral da presente pesquisa é: Analisar as relações entre Inteligência Emocional, experiência emocional e as crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes, os específicos foram: 1) Investigar se existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual; 2) Identificar como as pessoas vivenciam emocionalmente (sentimentos e energia) notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes; 3) Investigar se há efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes; 4) Investigar as relações entre os fatores de inteligência emocional e as crenças sobre abuso sexual; 5) Investigar as relações entre inteligência emocional e experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes. A amostra contou com 319 participantes da pesquisa, os quais responderam aos instrumentos: questionário sociodemográfico, inventário de competências emocionais, escala de crenças do abuso sexual de crianças e adolescentes e o mood-meter, todos de forma online. Os resultados indicaram existir efeito de gênero e conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso nas crenças, mas não na experiência emocional, tendo como vivência emocional média o nojo, houve também relação entre inteligência emocional e crenças havendo efeito do gênero feminino e conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso bem como a escolaridade pós-graduação, finalizando com havendo relação entre inteligência emocional e experiência emocional sofrendo efeito do gênero feminino e conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso bem como as escolaridades ensino médio e superior. Os resultados apesar de promissores, abrem portas para futuras pesquisas as quais possam complementar seus objetivos.

Palavras-chaves: Abuso Sexual Infanto-Juvenil; Crenças; Inteligência Emocional.

ABSTRACT

Child and adolescent sexual abuse is one of the forms of sexual violence that permeates various aspects of human life throughout history. It can be understood as any form of sexual gratification by the perpetrator directed at a younger victim who does not comprehend the situation. Despite its significance, the topic still contains gaps in prevention, repression, and resolution. Therefore, this research provides an exploration of the definition, data, types, consequences, beliefs regarding sexual abuse, and the cognitive process of emotional intelligence as a framework for understanding the topic. The general objective of this research is: To analyze the relationships between Emotional Intelligence, emotional experience, and adults' beliefs about the sexual abuse of children and adolescents. The specific objectives were: 1) To investigate whether there is a gender effect, knowing someone who has been abused, or having been abused, as well as the effect of education on beliefs about sexual abuse; 2) To identify how people emotionally experience (feelings and energy) news about child and adolescent sexual abuse; 3) To investigate whether there is a gender effect, knowing someone who has been abused, or having been abused, as well as the effect of education on emotional experience (feelings and energy) related to news about child and adolescent sexual abuse; 4) To investigate the relationships between emotional intelligence factors and beliefs about sexual abuse; 5) To investigate the relationships between emotional intelligence and emotional experience (feelings and energy) related to news about child and adolescent sexual abuse. The sample consisted of 319 research participants, who answered the following instruments online: sociodemographic questionnaire, emotional competencies inventory, sexual abuse beliefs scale for children and adolescents, and the mood-meter. The results indicated that gender and knowing someone who has suffered abuse or having suffered abuse affected beliefs, but not emotional experience, with disgust being the most common emotional experience. There was also a relationship between emotional intelligence and beliefs, with the female gender, knowing someone who has suffered abuse or having suffered abuse, and postgraduate education showing significant effects. Finally, there was a relationship between emotional intelligence and emotional experience, influenced by gender, knowing someone who has suffered abuse or having suffered abuse, and education levels of high school and higher education. Although the results are promising, they open avenues for future research that may complement the study's objectives.

Keywords: Child and Adolescent Sexual Abuse; Beliefs; Emotional Intelligence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mood - meter	39
Figura 2 - Reações emocionais a notícias de abuso sexual de crianças e adolescentes	45
Figura 3 - Mood - meter	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Gênero, ter ou não sofrido abuso ou conhecer ou não alguém que tenha sofrido abuso, escolaridade, média das idades e desvio padrão.....	36
Tabela 2 - Estatísticas descritivas e índices de fidedignidades da Escala de Crenças sobre o Abuso sexual (ECAS), Inventário de Competências Emocionais Revisado (ICE-R) e o mood-meter.....	41
Tabela 3 - Existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual.....	43
Tabela 4 - Estatísticas descritivas das diferenças entre grupos	44
Tabela 5 - Efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional energia.....	45
Tabela 6 - Efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional sentimento.....	46
Tabela 7 - Relações entre Inteligência Emocional e crenças sobre abuso sexual	47
Tabela 8 - Efeito do gênero na correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS).....	47
Tabela 9 - Efeito de não sofreu abuso ou não conhece alguém que sofreu abuso e sofreu ou conhece alguém que sofreu na correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS).....	48
Tabela 10 - Efeito de escolaridade correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS)	48
Tabela 11 - Relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional diante das notícias de abuso	49
Tabela 12 - Efeito do gênero na relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional	50
Tabela 13 - Efeito de não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido e sofreu abuso ou conhece alguém que tenha sofrido na relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional.....	50
Tabela 14 - Efeito de escolaridade na relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Assim	Assimetria
DSM-V	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Curt	Curtose
DP	Desvio Padrão
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECAS	Escala de Crenças de Abuso Sexual
EXPR	Expressividade emocional
ICE-R	Inventário de Competências Emocionais Revisado
IE	Inteligência Emocional
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
Máx	Máximo
Min	Mínimo
MMFDH	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
MMEN	Mood-meter energia
MMSE	Mood-meter sentimento
OMS	Organização Mundial de Saúde
PERC	Percepção de emoções
REAP	Regulação de emoções de alta potência
REBP	Regulação de emoções de baixa potência
REOU	Regulação de emoções em outras pessoas
TCLE	Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1. ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	17
2.2 CONCEITO DE CRENÇAS E CRENÇAS SOBRE ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	21
2.3 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL.....	24
3 JUSTIFICATIVA.....	31
4. OBJETIVOS.....	33
4.1 GERAL.....	33
4.2 ESPECÍFICOS.....	33
5 HIPÓTESE.....	58
6 MÉTODO.....	36
6.1 PARTICIPANTES.....	36
6.2 INSTRUMENTOS.....	37
6.2.1 QUESTIONIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	37
6.2.2 INVENTÁRIO DE COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS (ICE-R).....	37
6.2.3 ESCALA DE CRENÇAS SOBRE ABUSO SEXUAL (ECAS).....	38
6.2.4 MOOD-METER.....	38
6.3 PROCEDIMENTOS.....	39
6.3.1 COLETA DE DADOS.....	39
6.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	40
7 RESULTADOS.....	41
8 DISCUSSÃO.....	53
9 CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	59

APÊNDICE A - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE.....	76
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	78
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	81
ANEXO A - INVENTÁRIO DE COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS (ICE-R).....	83
ANEXO B - ESCALA DE CRENÇAS SOBRE O ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	85
ANEXO C - MEDIDOR DE HUMOR.....	86

1.INTRODUÇÃO

É sabido que, entre os mais diversos problemas sociais existentes, a violência ocupa espaços vultuosos perpassando pelas mais diversas áreas básicas da vida humana, tais como a segurança e a saúde, causando, assim, um desafio em escala global (Garbin *et al.*, 2015). Dentre os tipos de violência, têm-se a sexual, a qual atravessa quaisquer idades e gêneros, e dentre as vítimas mais recorrentes, consta-se as crianças e adolescentes, por suas vulnerabilidades bem como imaturidades físicas e mentais (Pereira *et al.*, 2019). Contudo, a violência sexual pode ainda ser separada em abuso e exploração sexual, sendo a primeira referente a comportamentos voltados a obtenção de satisfação sexual do agressor, e a segunda a práticas de comercialização, conforme Pincolini e Hutz (2014).

É comum que esse tipo de violência extrapole os limites da saúde e da justiça e ganhe destaque nos noticiários jornalísticos. Dentre os casos que, ao longo dos anos, tiveram notoriedade na mídia, têm-se o da criança de oito anos, Araceli Sanches, que em 1973 foi raptada, colocada sob efeito de drogas, estuprada e carbonizada, seu corpo fora deixado em estado de decomposição e completamente transformado próximo a um terreno baldio no Espírito Santo dias depois de seu desaparecimento (G1, 2023). Em virtude desse caso, em 1998, entidades públicas e privadas na Bahia tiveram a iniciativa de instituir o dia 18 de maio (o dia do desaparecimento da criança) como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-Juvenil. Cerca de 27 anos depois da morte, a data ficou marcada como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes pelo Congresso Nacional pela Lei Federal nº. 9.970 de 17 de maio de 2000 (Brasil, 2023). Outro caso que repercutiu, foi o da criança de nove anos, Flânio da Silva Macedo, o qual fora violentado sexualmente e decapitado no estado de Pernambuco em 2012. Conforme denúncia do Ministério Público, o autor contratou um casal para sequestrar uma criança para realizar um suposto ritual religioso, o qual mesmo antes de ser morto, foi amarrado e abusado (Tribunal de Justiça de Pernambuco, 2020). Casos como esses elucidam e evidenciam a importância social desse tema, que continua sendo atual e preocupante. Assim, a Psicologia é uma das áreas do conhecimento que pode ajudar a compreender e encontrar meios de enfrentamento ao fenômeno do abuso sexual que, infelizmente, é mais frequente do que se imagina.

Ribeiro e Soeiro (2011) trazem que se têm havido indicativo pela literatura da existência de fatores os quais poderiam ser causa potenciadora de risco do abuso sexual, sejam físicos,

psicológicos e/ou sociais, de forma individual, familiar ou sociocultural. Em contrapartida, os que seriam fatores protetores, agem de forma inversa, diminuindo a probabilidade em face da situação de abuso para que não ocorra, ou minimizar os danos. Dentre os fatores de risco familiares, a literatura afere um domínio maior de certos estilos familiares no qual há ocorrência do abuso sexual, seriam eles as situações de violência doméstica; pais que foram abusados ou sofreram negligência familiar; baixo nível educacional dos pais; pais envolvidos com alcoolismo; em situação de problemas de saúde mental; pais que demandam tipos diferenciados de carícias aos filhos, perpassando por violação à intimidade sexual; atribuição das responsabilidades de mãe para as filhas; famílias que punem o comportamento sexual ou sua verbalização, baixa escolaridade e entre outras situações (Amazarray; Koller, 1998; Machado, 2008; Ribeiro, 2009; Hunt; Walsh, 2011, Zambon *et al.*, 2012). Contudo, apesar dessas condições serem frequentes em famílias em que ocorrem abusos, a existência dessas condições não implica necessariamente na ocorrência do abuso. Ao lado desses fatores familiares, há os fatores de risco socioculturais, que se referem às atitudes e crenças que cada cultura atribui ao abuso sexual e como reage a isso. Ambos os fatores, familiares e socioculturais, são importantes uma vez que condicionarão possibilidades de ocorrência ou de evitação do abuso sexual da criança, agindo como fator de risco ou como fator de proteção, respectivamente (Amazarray; Koller, 1998).

A literatura aponta que as crenças moldam os comportamentos sociais e exercem influência nas escolhas e decisões tomadas (Camino *et al.*, 2013). Analisar as crenças na perspectiva do abuso sexual contra crianças e adolescentes é fator de suma importância, uma vez que, as crenças atuam como diretrizes estruturantes que impulsionam os comportamentos e orientam as atitudes, conforme Maciel *et al.* (2015). Estudos de Ribeiro e Soeiro (2011) apontam que as crenças equivocadas sobre o abuso sexual podem dificultar seu reconhecimento e fortalecer estereótipos amplamente difundidos na sociedade, muitas vezes perpetuados pelos meios de comunicação. Tais crenças afetam os níveis de bem-estar das vítimas, não apenas dificultando o reconhecimento do abuso, mas também intensificando o trauma e agravando as consequências da vivência (Almeida, 2003).

Estudos de Barcelos e Kalaja (2011) destacam o papel do ambiente nas relações sociais e das emoções, que podem moldar comportamentos de acordo com as crenças, sendo estas suscetíveis a mudanças influenciadas por esses fatores. Dada a relevância das emoções, a inteligência emocional foi escolhida como o processo cognitivo central deste estudo, considerando sua importância em diferentes contextos, inclusive sua correlação negativa com comportamentos agressivos (García-Sancho, Salguero e Fernández-Berrocal, 2014). Este

trabalho parte da hipótese de que crenças mais intolerantes em relação ao abuso sexual estão associadas a uma maior capacidade de compreender as emoções e os impactos emocionais que esse crime provoca na vida das vítimas. Nesse sentido, pressupõe-se que indivíduos com menor inteligência emocional tendem a sustentar crenças mais tolerantes ao abuso, enquanto níveis mais elevados de inteligência emocional correspondem a crenças mais intolerantes. Com base nisso, o estudo também abrange a análise da experiência emocional, buscando compreender como a percepção emocional fundamentada em crenças influencia as reações emocionais, conforme sugerido pela literatura de Gross (2015).

Os descritores usados para base do presente projeto em sites acadêmicos, foram “abuso sexual de crianças e adolescentes”, “crenças” e “inteligência emocional”. Contudo, pesquisas correlacionais entre inteligência emocional e crenças sobre abuso sexual infantil são escassas. Porém, partindo dessa perspectiva de que nível de IE interfere no ajustamento social, acredita-se que essa habilidade possa ter um efeito sobre as crenças das pessoas acerca do abuso sexual de crianças e adolescentes. Dessarte, a pergunta de pesquisa perpassa em: Há relação entre inteligência emocional, experiência emocional e crenças sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes? Os objetivos de pesquisa parte do geral de analisar as relações entre Inteligência Emocional, experiência emocional e as crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes, e os específicos: 1) investigar se existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual; 2) identificar como as pessoas vivenciam emocionalmente (sentimentos e energia) notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes; 3) investigar se há efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes; 4) investigar as relações entre os fatores de inteligência emocional e as crenças sobre abuso sexual; 5) investigar as relações entre inteligência emocional e experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes

A dissertação está organizada em cinco grandes seções, que organizam o relato da pesquisa da seguinte forma: A **fundamentação teórica** apresenta o conceito de abuso sexual infantojuvenil, suas consequências, crenças sociais associadas ao tema e o papel da inteligência emocional como variável central no estudo, explorando sua relação com crenças e reações emocionais. Em seguida, são apresentados os **objetivos**, geral e específicos da pesquisa e o **método** utilizado para atingi-los. Na sequência, são apresentados os **resultados** com base em análises descritivas e inferenciais, que foram utilizadas em função de sua relação com os objetivos. Por fim, a **discussão** procura interpretar os resultados quantitativos sob o ponto de

vista da Psicologia, além de contextualizá-los à luz da literatura científica, identificando implicações práticas e lacunas a serem investigadas futuramente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de elucidar o tema em voga, serão apresentados, a seguir, conceituações acerca do abuso sexual infanto-juvenil, desde seu conceito, feito por estudiosos da área, até seus dados, tipos e consequências. Também perpassa pelo conceito de crenças e elas dentro do abuso sexual em questão, finalizando com o processo cognitivo usado como aporte. Assim sendo para se entender o fenômeno em um olhar que seja mais abrangente sem que seja genérico, uma vez que se faz necessário a consideração da multidisciplinaridade do tema.

2.1 Abuso Sexual de crianças e adolescentes

Este tópico é reservado para trazer informações sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes, incluindo definições, dados, tipos e consequências, com o propósito de situar o leitor acerca do problema. Deste modo, o abuso sexual infanto-juvenil ocorre quando há um adulto buscando gratificação sexual com criança ou adolescente, que se encontram despreparados para essa prática, tanto física quanto emocionalmente (Chiesa; Goldson, 2017). Assim, o ato consciente desta prática será desigual entre o abusador e o abusado, uma vez que o primeiro exerce violência, seja por poder, coerção ou engano contra sua vítima (Ramírez; Quesada, 2021). Com a intensificação dos abusos, a criança pode questioná-los, fazendo com que o abusador passe a desenvolver estratégias para silenciá-la, podendo lançar mão de ameaças (Ramírez; Quesada, 2021). O abuso representa uma manifestação de poder e manipulação, evidenciando formas de dominação, em que o mais forte exerce controle sobre o mais fraco, explorando a dependência e confiança daquele que deveria ser protegido. Além disso, envolve o uso indevido da sexualidade, manipulando o corpo da vítima sem consentimento (Paixão; Neto, 2020).

O abuso sexual infantil só passou a ser considerado como um quadro no qual há violação de direitos recentemente, em especial, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). Contudo, certos costumes perpassam pela história, embora a forma como se volta a ela e a interpreta tenham sido alterados, o que fez surgir as transformações no que tange a definição de violência. A literatura tem indicado fatores que convergem com os dados públicos acerca do abuso sexual infanto-juvenil no Brasil: a maioria ocorre no ambiente intrafamiliar, sendo o agressor, em grande parte, do sexo masculino, pai ou padrasto, e as vítimas, em geral, do sexo

feminino (Baptista *et al.*, 2008; Serafim *et al.*, 2011; Lucena, 2021; Lago, 2021). O abusador geralmente é uma pessoa próxima à criança, com quem ela desenvolveu uma relação de confiança. Dessa forma, o abusador utiliza ameaças ou oferece vantagens materiais e simbólicas para garantir que o abuso permaneça em segredo, estabelecendo uma dinâmica de dominação e submissão (Paixão; Neto, 2020). A literatura ainda enfatiza a subnotificação relacionada aos crimes de abuso sexual contra crianças e adolescentes, devendo-se considerar que grande parte das vítimas atravessa essa violência em silêncio, levando-a consigo até a maturidade, com isso, impedindo que haja uma visão mais geral e fidedigna sobre os casos (Mello, 2005; Braun, 2002).

Felipe (2006) enfatiza que o termo abuso pode acarretar problema, uma vez que se aproximaria da ideia de excesso, contudo, o abuso sexual infantil não seria apenas uma exorbitância de atos, mas toda e qualquer transgressão física e simbólica que seja socialmente inaceitável, com fim de objetificar o corpo da vítima. As crianças são consideradas como vítimas mais fáceis por ainda estarem em fase de desenvolvimento, fazendo com que o abusador se utilize da sua idade bem como de sua imaturidade para seduzi-la e convencê-la a omitir a situação. Esse aspecto vulnerável se dá devido as questões biológicas, cognitivas e sociais, enfraquecendo o papel da criança como sujeito de direitos, o que torna, assim, seu discurso com menos legitimidade (Carvalho *et al.*, 2012; Santos; Dell’Aglia, 2010).

Magalhães e Ribeiro (2007) trazem que violência sexual é subdividida em abuso e exploração sexual, no qual abuso, refere-se a comportamentos que se voltam a obtenção de satisfação sexual do agressor, já a exploração sexual seriam práticas de comercialização conforme Pincolini e Hutz (2014). As formas de abuso são diversas, seja no exibicionismo, toques, conversas, até o encontro sexual em si, ainda surgindo novas formas e cada vez mais atuais desse crime com o aparecimento das tecnologias informáticas (Miller-Perrin; Perrin, 1999). Habigzang *et al.* (2005), Pires e Miyazaki (2005) evidenciam que o abuso sexual pode acontecer em três âmbitos: 1) intrafamiliar, 2) extrafamiliar ou 3) institucional. O primeiro caso ocorre quando o abusador é um membro familiar ou pessoa apontada pela vítima como tal. No segundo, o abusador é uma pessoa desconhecida e de fora do convívio da criança. Já o terceiro, acontece em instituições, tais como escolas, cuja responsabilidade é cuidar da criança/adolescente. No Brasil, 72% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem na casa da vítima ou do agressor, conforme dados do Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos - MMFDH (2021).

O abuso é um comportamento desviante, denominado como parafilia, que é caracterizada por impulsos sexuais, intensos e habituais, articulados por fantasias e

manifestação de comportamentos ditos não convencionais, como no fetichismo, exibicionismo, voyeurismo, necrofilia e pedofilia (Serafim *et al.*, 2009). Segundo o DSM-V (2014), a parafilia da pedofilia inclui o reconhecimento aberto de interesse sexual por crianças de forma intensa, ainda que esse interesse seja maior ou igual por indivíduos que sejam maduros fisicamente. Porém, se esses indivíduos se queixam de que essa preferência ou atração esteja lhe causando contrariedades de ordem psicossociais, há a possibilidade do diagnóstico em transtorno pedofílico. Todavia, se em seus relatos houver ausência de culpa, vergonha ou ansiedade a esses desejos, não apresentando também limitação funcional por esses mesmos impulsos, de acordo com o autorrelato e/ou avaliação, bem como seu autorrelato e histórico não apresentem essa prática, eles podem ser classificados como orientação sexual pedofílica, mas não como transtorno pedofílico.

Os dados sobre o abuso sexual caracterizam a relevância do estudo de forma a mostrar o quão importante é fazê-lo nessa área em que cada vez mais cresce essa problemática. Assim, o Ministério da Saúde (2023) apontou a ocorrência de 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, que foram notificados de 2015 a 2021, no Brasil, com uma média de 80 casos por dia no intervalo. Conforme o boletim, 83.571 (41,2%) dos casos foram contra crianças (0 a 9 anos) e 119.377 (58,8%) contra adolescentes (10 a 19 anos). Em relação aos bebês com até um ano de idade, o número de casos foi de 3.386 no mesmo período, sendo mais de um caso por dia. Há também a exposição de que as meninas na faixa etária de 0 a 9 anos são os principais alvos dos abusadores, constituindo 64.230 casos (76,9%), enquanto os meninos de 0 a 9 anos foram 19.341 casos (23,1%), totalizando 83.571 notificações.

Dos casos apontados de violência que mais aconteceram contra as crianças, foram o estupro, o assédio sexual e a pornografia, na maior parte dos casos, o agressor foi um familiar ou amigo/conhecido, e ocorreram, sobretudo, na residência ou na escola da vítima. No que diz respeito aos abusos contra adolescentes, do total de casos, 110.657 (92,7%) foram contra meninas, sendo 8.720 (7,3%), contra meninos, na faixa etária de 10 e 14 anos para ambos os sexos. Tal qual nos casos contra crianças, os agressores de adolescentes são, na maioria, homens, familiares e conhecidos e o local de ocorrência mais comum foi a residência, da vítima ou do agressor (Ministério da Saúde, 2023).

A Organização Mundial de Saúde - OMS (2014) caracterizou o abuso sexual de crianças e adolescentes como um dos maiores problemas sociais e de saúde pública da contemporaneidade, o que expõe a necessidade de entendimento das causas, visando o combate ao problema. Os dados de prevalência sobre abuso sexual contra crianças e adolescentes se revelam aquém da realidade, haja vista que muitas ocorrências não são reconhecidas,

diagnosticadas, notificadas e/ou denunciadas (Nicoletti; Giacomozzi; Cabral, 2017). De fato, na maioria dos casos, as vítimas não conseguem atravessar esse silêncio, por vezes, carregando consigo essa questão até a vida adulta (Mello, 2005). Esses conteúdos prejudicam a visão de um panorama mais fiel sobre esses casos, tratando-se, assim, de uma violência atravessada pelo silêncio (Braun, 2002).

Uma sessão solene na Câmara dos Deputados para lembrar o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, destacou a educação como um fator importante na prevenção desse tipo de crime. Educação esta que perpassa por fornecer informação às crianças acerca das partes do seu corpo, bem como sobre as pessoas, o contexto e o ambiente que fazem se sentirem mal consigo. Noções base de educação sexual seria um viés para solução dessa problemática, de forma que fossem difundidas nas escolas, no qual as crianças e adolescentes poderiam adquirir conhecimento e desenvolver formas para impedir, discernir e denunciar os casos de abuso. A discussão seguiu ainda de que inúmeras crianças e adolescente não têm compreensão clara do que é o abuso ou a exploração sexual, e, quando entende, não sabe como denunciar (Brasil, 2024).

Destarte, se faz necessário e de suma importância reduzir esses números, de forma que sejam, preferencialmente, zero, e a Psicologia poderia desempenhar um papel nisso, uma vez que o crime em específico, afeta as vítimas trazendo graves consequências para suas vidas. A prática do abuso sexual bem como suas consequências sobre a vítima é uma violação dos direitos humanos, sem distinção e de discriminação de características sociodemográficas (Cunha; Silva; Giovanetti, 2008). Mason e Lodrick (2013) ressaltam que a violência sexual acarreta consequências negativas para a saúde física e psicológica das vítimas, tais como depressão, ansiedade, abuso de substâncias, transtorno alimentar, distúrbio do sono, disfunção sexual, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), além de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e ideações suicidas.

Consoante Aded *et al.* (2006) e Hornor (2002) crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual propendem a desenvolver transtornos e sintomas depressivos que perpassam por problemas tanto ao seu papel e funcionamento sexual quanto a sérias dificuldades em relacionamentos interpessoais. Outrossim, Gerko *et al.* (2005) aludem que o abuso sexual pode suscitar prejuízos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais. Perda de interesse pelos estudos e pelas brincadeiras, isolamento social, déficit de linguagem e de aprendizagem, fugas de casa, ideias suicidas e homicidas, automutilação e agressividade também são frequentes (Crisman *et al.* 2004; Swanston *et al.* 2003; Ystgaard *et al.* 2004). Paixão e Neto (2020) entrevistaram mulheres que sofreram abuso sexual na infância ou adolescência. Os resultados

mostram que essas experiências deixam marcas profundas, tornando-as mais sensíveis a temas relacionados à sexualidade. Essa sensibilidade impacta sua convivência com outras pessoas, seus pensamentos, comportamentos e a formação de novas famílias, sendo o medo uma constante que pode perdurar ao longo da vida.

Dada a complexidade do tema e a importância de estudá-lo para promover ações efetivas de prevenção e combate, é essencial reconhecer a multiplicidade de conceitos pelos quais os abusos sexuais podem ser abordados. Neste trabalho, optou-se por focar nas crenças sobre o abuso, entendidas como representações ou imagens relacionadas ao fenômeno, que influenciam diretamente os comportamentos. O próximo tópico explorará essas crenças, buscando discutí-las, esclarecê-las e destacar sua relevância para o presente estudo.

2.2 Conceito de crenças e crenças sobre abuso sexual

Perante a conjuntura dessa problemática do abuso sexual, têm-se como uma das dificuldades para o seu tratamento, a detecção da sua amplitude e complexidade, dado que crenças sociais podem propiciar interpretações enviesadas sobre o abuso sexual em diferentes sociedades e momentos da história, o que dificulta a definição e notificação dos casos conforme a lei e as políticas públicas (Pereira *et al.*, 2019). Os autores ainda trazem que as crenças podem se definir como um retrato ou símbolo aceito pelas pessoas, as quais atuam diretamente nas atitudes e comportamentos, de forma a operar no que diz da socialização e formação cultural bem como ideológica da sociedade. Outros estudos corroboram esse pensamento de que as crenças são representações da realidade formadas ao longo do desenvolvimento, resultantes da interação entre fatores ambientais, genéticos e experiências significativas, elas têm o potencial de influenciar e prever comportamentos futuros (Beck *et al.*, 1997).

Camino *et al.* (2013), definem que as crenças podem orientar as condutas sociais e influenciando até mesmo as tomadas de decisões. Algumas dessas crenças são legitimadoras de violência, dentre as quais têm-se as baseadas em gênero, que se pautam na naturalização da desigualdade entre homens e mulheres, de forma a justificar, banalizar e normalizar tal violência (Neves *et al.*, 2019). Outros tipos de crenças legitimadoras de violência são as de superioridade, que posicionam certo grupo social como central-superior e os outros como marginais-inferiores (Bourdieu, 2014; Crenshaw, 1991). Essas crenças servem como base para as aprendizagens culturais diárias, que levam à propensão de práticas cotidianas que inviabilizam e estigmatizam indivíduos pertencentes a grupos sociais vistos como inferiores (Gaspodini; Jesus, 2020).

Assim, conforme o exposto, analisá-las perante o abuso sexual infanto-juvenil seria de suma importância, visto que funcionariam como norteadoras para motivação de comportamentos e condutas (Maciel *et al.*, 2015). A identificação da vivência do abuso passa, em grande parte, pelas crenças sociais, que promovem ou não a capacidade de evidenciar e realçar os métodos traumáticos da violência (Camargo, 2019; Pereira *et al.*, 2019). As crenças são como representações acolhidas por um grupo, que influenciam diretamente sua forma de vivenciar a afetividade, comportamentos e cognições, refletindo na formação da cultura e da ideologia, que orientam, então, as condutas e socialização (Pereira *et al.*, 2019). Portanto, conhecer essas crenças e as variáveis que as influenciam pode ser de grande valia para organização de programas de intervenção.

Ribeiro e Soeiro (2011) afirmam que crenças distorcidas sobre o abuso sexual podem impedir sua constatação e perpetuar estereótipos bastante presentes na sociedade, que são transmitidos, frequentemente, através dos meios de comunicação. Estas crenças podem interferir no bem-estar das vítimas, uma vez que dificultam a identificação, como também promovem acentuação do trauma sofrido e da experiência vivida (Almeida, 2003). As crenças podem advir de diversos locais e se categorizar como concernentes à frequência/prevalência do abuso, ainda que haja crenças de que não são frequentes, em desconformidade aos dados de que 7% a 36% de mulheres já sofreram abuso e 3% a 29% nos homens (Fávero, 2003). A combinação de dados estatísticos que evidenciam a frequência da violência sexual na infância e adolescência, tanto no Brasil quanto globalmente, com uma comunicação distorcida e a impunidade sutilmente legitimada, tende a naturalizar o abuso na sociedade (Guedes *et al.*, 2016; Matos; Pinto; Stelko-Pereira, 2018; Accorssi; Scarparo; Guareschi, 2012).

Fávero (2003) afirma que há crenças de que as vítimas estariam mentindo ou fantasiando sobre o abuso. Contudo, os dados apontam que denúncias falsas são raras. Outra crença falsa é a de que apenas pessoas do sexo feminino seriam vítimas, quando o masculino também é, mesmo que em menor frequência. Além disso, há crenças de que as vítimas são culpadas pelo abuso por serem sedutoras. Têm-se, ainda, crenças relativas à idade e padrões físicos, de que as crianças mais novas não são elencadas para o abuso pelos abusadores, e as que são estariam dentro de estereótipos de mulheres angelicais, femininas e atraentes. Todavia, a literatura indica que os abusadores se referem mais à inocência do que à beleza das vítimas.

Autores explicam que o surgimento e fortalecimento de crenças em que diminuem a responsabilidade e culpabilidade do agressor estão relacionadas à interpretação distorcida de alguns adultos, especialmente os abusadores sexuais. Esses indivíduos tendem a entender comportamentos de afeto infantil, como se sentar no colo, abraçar, beijar e certas posturas em

brincadeiras, como atos de sedução (Ferenczi, 2011; Mendes; França, 2012; Silva; Inada, 2013). No entanto, se tais comportamentos forem observados em crianças ou adolescentes, não devem ser ignorados, pois podem ser sinais ou sintomas de que essas pessoas estão sofrendo ou já sofreram abuso sexual (Florentino, 2015).

Concernente ao agressor, as crenças perpassam por serem desconhecidos das vítimas e possuírem algum transtorno psiquiátrico, o que vai de encontro aos dados e da literatura, uma vez que a maioria dos abusadores estão socialmente inseridos, são próximos à vítima e não possuem diagnósticos de transtornos mentais (Brasil, 2021; Lucena, 2021). Esse discurso e perfilamento distorcido, pode ser responsável por estereótipos acerca dos perpetradores do abuso, contribuindo para que aqueles que não se enquadram no perfil e sejam inocentados (Almeida, 2003). As crenças que normalizam o comportamento do abusador frequentemente levam à percepção de que ele é um indivíduo socialmente desajustado ou com distúrbios mentais (Machado; Gonçalves; Matos, 2000). No entanto, essa não é a única explicação para os abusos, já que a maioria dos casos estudados aponta para motivações diversas, raramente relacionadas a transtornos mentais graves ou parafilias (Serafim *et al.*, 2009).

Quanto aos observadores, pessoas do sexo feminino visualizam as interações criança-adulto como típicas de abuso sexual tendendo a culpabilizar menos a criança e adolescente, contudo os observadores do sexo masculino classificam essas mesmas práticas sexuais como menos abusivas bem como atribuem mais culpa às crianças e adolescentes (Broussard; Wagner; Kazelkis, 1991; Finkelhor; Redfield, 1984). Quanto aos métodos de abordagens das vítimas, costumam-se identificar crenças de que o abuso passa pela violência física. Contudo, os agressores podem lançar mão de sedução, ameaça, suborno e ludibriação, dado que, a literatura aponta que o abuso sexual é, frequentemente, exercido sem o uso de força física, não deixando marcas visíveis nas vítimas (Holmes e Holmes, 2002; Fávero, 2003; Lucena, 2021). Quanto aos tipos de agressão, as crenças são de que o abuso consiste apenas na penetração vaginal ou anal. Porém, os dados também trazem que podem ser usados outros métodos como masturbação, sexo oral e carícias (Almeida, 2003; Lucena, 2021).

Ainda de acordo com as crenças acerca dos métodos de abordagem e tipos de agressão, há uma crença de que o abuso sexual sem comprovação de violência física não é tão grave, e que subtipos de abuso os quais não envolvem contato físico ou o uso de força o qual deixe marca visível no corpo, são considerados menos prejudiciais. Estudos como os de Machado, Gonçalves e Matos (2000) mostram que essa crença, a qual suaviza a gravidade do abuso sem violência física, é comum, no sentido de ser bastante difundido e compartilhado entre diversos grupos sociais. No entanto, essa visão é refutada pela legislação brasileira, como a Constituição

Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Código Penal, além das pesquisas científicas, fontes essas que demonstram que o abuso sexual, independentemente de sua forma, causa impactos significativos para as vítimas (Florentino, 2015; Landini, 2011).

Outrossim, as crenças de que um trauma gerado na vítima não consegue ser superado, também se torna uma atitude desfavorável para a sua recuperação, assim como é errôneo avaliar que todas as vítimas possuem sintomatologias iguais (Almeida, 2003). Por fim, há crenças de que o abuso ocorre apenas em contexto social relacionado à pobreza e ao consumo de drogas ou álcool. Não obstante, a literatura afirma o caráter universal do abuso sexual, que pode ocorrer em qualquer contexto social (Fávero, 2003; Lucena, 2021).

Estudos mostram que a habilidade das crianças em lidar com a experiência de abuso sexual está associada ao fato de suas mães acreditarem em seus relatos e oferecerem apoio. (Leifer; Kilbane; Grossman, 2001; Pintello; Zuravin, 2001). O suporte social é entendido como um mediador ou fator de proteção diante de eventos estressantes, como o abuso sexual (Steel, *et al.*, 2004). Ou seja, trabalhar nas crenças da rede de apoio, pode servir como base para atitudes preventivas e repressivas diante da situação em questão. Barcelos e Kalaja (2011) trazem que o ambiente em que estamos, as relações que estabelecemos nas diferentes práticas sociais, assim como as emoções, podem influenciar ou não alguém a agir de determinada maneira de acordo com suas crenças, estas que podem ser modificadas de acordo com essas influências. Ribas (2011) complementa que o que determina uma emoção não é a adequação entre desejo e a situação, mas entre o desejo e a situação aparente, ou seja, as emoções dependem das crenças que a pessoa elabora acerca da situação. A compreensão das emoções baseadas em crenças refere-se ao fato de que as crenças pessoais, sejam falsas ou verdadeiras, determinam as reações emocionais das pessoas (Gross, 2015). A seguir, o tópico de inteligência emocional explanará melhor sobre Inteligência Emocional afim de esclarecer sua importância, uma vez que emoção e crenças se influenciam mutuamente.

2.3 Inteligência Emocional

A inteligência emocional (IE) combina emoção e inteligência, tradicionalmente estudadas separadamente. Primi (2003) explica que as emoções são respostas de vários subsistemas do organismo, enquanto a inteligência é a capacidade geral de adaptação. Portanto, a IE é a capacidade de lidar com informações emocionais no processo adaptativo. Assim, a IE é um tipo de Inteligência relacionada ao processamento cognitivo de informações emocionais ou afetivas, que envolve quatro habilidades ou níveis: a) percepção de emoções; b) utilização

das emoções para facilitar o pensamento; c) compreensão emocional e d) regulação das emoções (Mayer; Caruso; Salovey, 2016), descritos a seguir.

Para esses autores, o primeiro nível é o da percepção, avaliação e expressão da emoção (percepção de emoções), que integram a capacidade de identificar emoções em si, em outras pessoas e em objetos ou condições físicas, bem como a capacidade de expressar essas emoções e as necessidades a elas relacionadas, assim como a capacidade de avaliar a autenticidade de uma expressão emocional. O segundo nível (facilitação do pensamento) é relativo à utilização da emoção como um sistema de alerta, que dirige a atenção e o pensamento para as informações mais importantes, sejam elas externas ou internas. Essa habilidade de gerar sentimentos em si tem o potencial de auxiliar uma pessoa a deliberar, como um “ensaio”, em que as emoções podem ser geradas e manipuladas com vistas a uma tomada de decisão (Mayer; Caruso; Salovey, 2016).

O terceiro nível (compreensão de emoções) inclui a competência de rotular emoções, identificar diferenças e nuances entre elas e compreender a possibilidade de sentimentos complexos, bem como as transições de um sentimento para outro. O quarto nível (regulação de emoções) se refere ao controle reflexivo das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual, faz referência à capacidade de tolerar reações emocionais, sejam elas agradáveis ou não, compreendê-las ajustando conforme sua importância, como também controlá-las ou descarregá-las no momento apropriado (Mayer; Caruso; Salovey, 2016).

Esse modelo de quatro níveis acabou sendo reduzido, por alguns autores, a um modelo de três níveis correspondentes à percepção, compreensão e regulação de emoções, em decorrência de estudos fatoriais de validade de construto (MacCann *et al.*, 2014). Recentemente, os próprios autores proponentes da IE reconheceram a necessidade de reconsiderar a organização teórica do modelo de quatro fatores e a possibilidade de novos agrupamentos e classificações para refletir com maior precisão as habilidades avaliadas (Mayer *et al.*, 2024).

A gestão eficaz das emoções favorece o desenvolvimento emocional e intelectual, ao permitir o controle e regulação das reações emocionais, bem como a capacidade de fiscalizar, ponderar e gerenciar as emoções próprias e alheias. Essa habilidade contribui para a tolerância em situações de maior intensidade emocional e aprimora estratégias para modificar, manter, intensificar ou suavizar essas emoções, conforme o contexto e o objetivo, além de proporcionar maior flexibilidade na experiência de emoções, positivas ou negativas (Peixoto *et al.*, 2019). Indivíduos que têm consciência das próprias emoções e dos outros, detêm capacidade de compreender seus sentimentos, perceber como influenciam o comportamento e a qualidade de

vida, tanto pessoal quanto das demais pessoas ao seu redor (Valente; Monteiro; Lourenço, 2017).

Os estudos referentes às individualidades sob regulação emocional no adulto, foca em duas estratégias de regulação emocional distintas temporalmente no processo emocional, sendo elas: reavaliação cognitiva (antecedente à resposta emocional) e supressão emocional (centrada na resposta emocional) (Gross; Thompson, 2007). A primeira permite a modificação total da sequência emocional, de forma a propiciar mais experiências emocionais positivas e menos emoções negativas (Gross; John, 2003). A segunda, supressão emocional, refere-se à inibição da expressão comportamental, não reduzindo a experiência emocional negativa, o que pode comprometer o funcionamento social em diferentes níveis (Srivastava *et al.*, 2009).

O modelo de processo de regulação emocional prevê que diferentes estratégias de regulação emocional, e as formas específicas como essas estratégias são aplicadas em qualquer situação, resultam em consequências distintas sobre como uma pessoa sente, pensa e se comporta, tanto a curto quanto a longo prazo. Essa previsão baseia-se em duas ideias principais. Primeiro, como as emoções evoluem ao longo do tempo, intervir em diferentes momentos do processo emocional pode gerar padrões variados de experiência, expressão e respostas fisiológicas. Segundo, como as estratégias de regulação emocional exigem diferentes níveis de esforço cognitivo, essas diferenças podem levar a distintos impactos. A regulação emocional, nesse contexto, é vista como uma modificação da trajetória emocional que ocorreria naturalmente na ausência dessa intervenção, e cada estratégia ou abordagem de regulação influencia essa trajetória de diferentes maneiras (Gross, 2015).

Correia (2018) menciona que a inteligência emocional é fundamental para o desenvolvimento tanto emocional quanto social, que desempenha papel importante para a melhoria do desempenho escolar, do bem-estar individual e coletivo. García-Sancho, Salguero e Fernández-Berrocal (2014) realizaram análises sistemáticas no qual forneceram evidências de que habilidades emocionais e comportamentos agressivos se correlacionam negativamente, logo pessoas com alta IE tendem a apresentar menor comportamento agressivo, portanto, melhor ajustamento social. Bar-On (2010) afirma que existe correlação entre a inteligência emocional e as relações sociais que, para resolver problemas sociais, refere-se ao processo no qual o indivíduo identifica as formas que sejam mais eficazes bem como adaptativas para lidar e conduzir as situações problemáticas que encontram. Todavia, não se está completamente compreensível o que a Inteligência Emocional pode predizer, estudos indicam que baixos níveis em IE relacionariam ao uso de álcool, cigarro e drogas ilegais, comportamento desviante e autodestrutivo, interações pouco significativas e pouco profundas com amigos, além de

sentimento de impotência (Brackett; Mayer, 2003; Trinidad; Johnson, 2002).

Por sua vez, altos níveis de IE se relaciona positivamente com qualidade das relações e interações sociais, habilidades sociais, comportamento pró-social, relações familiares positivas, maiores níveis de otimismo e satisfação de vida (Brackett, *et. al*, 2006; Mayer, Salovey, Caruso, 2000). Mayer *et al.* (2004) ainda trazem que indivíduos com alta IE seriam mais hábeis em perceber as emoções, facilitar o pensamento, compreendê-las e regulá-las conforme seria mais eficaz. Principalmente, altos níveis estariam relacionados a capacidade de resolver problemas de ordem emocional, requerendo menos esforço cognitivo (Reis *et al.*, 2007). Ademais, sujeitos emocionalmente inteligentes expressariam escores altos em inteligência verbal e social, tendendo a serem mais abertas a novas experiências e sociáveis, se inclinando mais a trabalhos que envolvem interações sociais (Reis *et al.*, 2007). Indivíduos com alta IE são hábeis em perceber, usar, compreender e gerir as suas próprias emoções e as dos outros bem como tendem a mostrar melhor ajustamento social e psicológico do que aqueles com baixa IE (Brackett *et al.*, 2006; Ciarrochi *et al.*, 2001; Mayer; Roberts; Barsade, 2008).

Tendo em vista a importância de avaliar as emoções para compreender melhor como ela pode influenciar crenças que desencadeiam comportamentos e posições sobre algo, medir o humor se mostra, também, relevante, uma vez que mostra nossa vida emocional a qualquer momento. Brackett (2021) traz que até quando não se tem consciência de como está se sentindo, o sistema emocional monitora de forma contínua o ambiente onde está inserido, em busca de mudanças que possam ser relevantes para os objetivos, valores e bem-estar pessoais. Com base no modelo circumplexo do afeto, surgiu um instrumento de medida de humor, o mood-meter, este que tem sido utilizado para realização de estudos sobre o humor considerando a Inteligência Emocional (Brackett; Kremenitzer, 2011; Nascimento, 2022). O mood-meter se assemelha ao proposto por Lang (1995), trazendo que as emoções seriam compostas por duas dimensões afetivas: a valência, correspondente a quanto um estímulo seria agradável ou desagradável; e o arousal, que corresponde à excitação metabólica ou neural que foi gerada pela intensidade que algum estímulo despertou, ou seja, o nível de energia. Destarte, a valência relaciona-se as sensações agradáveis ou desagradáveis concebidas pela experiência de alguma emoção, e o arousal seria concernente a estimulação produzida pela intensidade de reações fisiológicas das emoções (Caballero-Meneses; Menez, 2010).

O modelo circumplexo do afeto (Russell, 1980), descreve a experiência afetiva como uma organização circular de estados emocionais em um espaço bidimensional. As dimensões fundamentais que compõem este modelo são prazer-desprazer (valência) e alta/baixa ativação (arousal), que se encontram em ângulos retos, formando eixos ortogonais. Cada estado afetivo

é representado por um ponto, cuja posição é determinada pela combinação desses dois eixos. Por exemplo, emoções como a alegria combinam alto prazer e alta ativação, enquanto "calma" reflete alto prazer com baixa ativação. De forma semelhante, a tristeza combina baixo prazer e baixa ativação, enquanto "raiva" reflete baixo prazer e alta ativação.

Embora seja considerado um modelo disposicional, o modelo circumplexo também permite uma interpretação categórica das emoções. A localização específica de um ponto no gráfico identifica emoções discretas, como a alegria, a calma ou a raiva, descritas anteriormente. Essa característica dual do modelo — tanto disposicional quanto categórico — oferece uma abordagem flexível e abrangente para estudar os estados afetivos. Além disso, a proximidade entre dois pontos no gráfico indica maior similaridade emocional, enquanto a distância maior reflete menor semelhança.

Estudos anteriores (Jonzon; Lindbland, 2004) sobre as reações emocionais de mães ao receberem a notícia de que suas filhas foram abusadas apresentaram três classificações de reações: positivas, negativas e neutras. As reações positivas tiveram por características: raiva em relação ao abusador, pena e tristeza em relação à vítima; bem como empatia, sensibilidade para escutar, calma e aceitação; também como credibilidade no relato da vítima; encorajamento da vítima a falar, oferecer ajuda e apoio; assim como confrontar o abusador, fazendo-o parar ou afastá-lo. As reações negativas foram caracterizadas por: sentimentos de raiva em relação à vítima e curiosidade sexual; não querer escutar, incompreensão e insensibilidade; dúvida quanto ao relato; aconselhar a vítima a não contar, minimizar o abuso, bem como não oferecer ajuda e apoio; abandonar e/ou não manter contato com a vítima. As reações neutras foram identificadas por respostas emocionais e atitudes de indiferença ou, ainda, por ambivalência quanto ao relato de abuso.

Reações emocionais dos pais perante a notícia de abuso sexual dos filhos, tem impacto significativo na vida deles, como sintomas de estresse pós-traumático (Elliott; Carnes, 2001). Os pais expostos à experiência de abuso sexual de seus filhos demonstram uma variedade de reações, incluindo perturbações emocionais e comportamentais, sendo inclusive mais intensas em comparação com os pais que não enfrentam essa situação. Tanto os pais quanto as mães que não cometeram maus-tratos com seus filhos, revelam reações emocionais de grande angústia ao tomar conhecimento do abuso (Sequeira, 2019). Assim, os pais também enfrentam impactos emocionais os quais lhes geram reações de mesma ordem, de forma a reverberar ao longo da vida.

Um estudo realizado por Coyle *et al.* (2014) sobre emoções em sobreviventes de abuso sexual infantil encontrou que o nojo foi a emoção mais comum. Além disso, sofrer abuso sexual

na infância foi identificado como um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. Essas descobertas trazem como relevância científica, a importância de traçar perfis de emoções na compreensão das relações entre emoção, regulação emocional e psicopatologia nas vítimas. Os autores trazem que uma melhor concepção das emoções as quais essa população em específica vivencia, podem servir como base para melhores intervenções nesses indivíduos. Assim, estudar reações emocionais diante do tema em questão, é compreendido como de suma importância para melhor depreender acerca de como são as vivências emocionais de outra amostra e suas possíveis correlações.

As pesquisas de Dvir *et al.* (2014) apontam para uma relação complexa e bidirecional entre a exposição a traumas na infância e a desregulação emocional. Traumas infantis estão associados a uma capacidade reduzida de compreender e regular emoções, mediados por dificuldades relacionais e de apego com cuidadores e pares. Além disso, esses traumas estão ligados a níveis elevados de psicopatologias, assim como ao comprometimento do funcionamento social, que se manifestam desde a infância e perduram na vida adulta. As emoções são geradas e reguladas em resposta a situações ou pensamentos, baseando-se em experiências passadas, e esse processo pode ser tanto automático e controlado. A exposição a traumas interpessoais na infância está, portanto, intimamente ligada à desregulação emocional e a uma ampla gama de transtornos psiquiátricos.

Nas discussões dos estudos de Walsh, DiLillo e Scalora (2011), apontam que mulheres as quais passaram por abuso sexual tendem a enfrentar maiores dificuldades na regulação emocional. Aquelas que relataram revitimização mostraram níveis aumentados de desregulação emocional em diversas áreas, incluindo a não aceitação das emoções e a falta de clareza emocional. O fato de mulheres revitimizadas apresentarem maior dificuldade em aceitar suas emoções sugere que sobreviventes de abuso podem ser mais propensos a ter avaliações negativas de suas emoções, como sentir vergonha ou raiva por estarem chateadas (Gratz *et al.*, 2007). Reconhecer e aceitar consistentemente altos níveis de emoções negativas podem ser exaustivo para os sobreviventes, e as emoções negativas podem intensificar ainda mais o sofrimento emocional. Cloitre, Scarvalone e Difede (1997) e Zeitlin, McNally e Cassidy (1993) trazem que múltiplas vitimizações estão associadas a dificuldades de identificar e rotular as emoções. Esses achados são relevantes, pois a não aceitação emocional tem sido associada à evitação experiencial, o que pode agravar os sintomas de transtorno pós-traumático (Gratz *et al.*, 2007, Tull *et al.*, 2007).

A Inteligência emocional foi o processo cognitivo escolhido para melhor compreensão do fenômeno em questão entendendo sua importância em situações sociais. Contudo, não houve

achado de estudos sobre a influência da IE nas crenças em abuso sexual infantil, pelo que se decidiu investigá-la. No entanto, dadas as relações encontradas entre IE e outros tipos de violência (por exemplo, García-Sancho *et al.*, 2014), foi possível levantar a hipótese de que pessoas com alta inteligência emocional apresentariam crenças mais realísticas em relação ao abuso sexual, se mostrando mais sensíveis à gravidade e consequências de sua ocorrência.

3.JUSTIFICATIVA

Dentre as maneiras de combate ao abuso sexual, têm-se os programas de prevenção ao abuso sexual, que, entre outras medidas, procuram produzir mudanças das crenças relacionadas ao que se deseja combater (Maria, 2012). Porém, mesmo com os estudos na área em questão, leis e políticas públicas, ainda existem lacunas referentes ao tema, as quais resultam em comprometimento da discussão e prevenção (Pereira *et al.*, 2019). Assim, as crenças, entendidas como representação aceita por um grupo social, atuam de forma direta nos comportamentos, orientando as condutas sociais e tomadas de decisão. Destarte, analisá-las sobre o contexto em questão seria de suma importância para compreensão dos princípios sociais, culturais e ideológicos que motivam as atitudes perante o abuso sexual (Camino *et. al*, 2013; Maciel, *et. al*, 2015).

Embora esses atos e consequências para as vítimas sejam severos e sérios, somente nas últimas décadas os abusos sexuais tiveram credibilidade e atenção por parte da academia e da clínica (Aded *et al.*, 2006). No Brasil, de forma mais específica, foi com o disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Eca, 1990) que profissionais da área jurídica e social começaram a ter maior consciência acerca do problema. A importância de pesquisas nesse cenário se apresenta progressivamente como uma prioridade, dada a ampla correlação entre as experiências de abuso sexual na infância e ou adolescência com um conjunto de transtornos psiquiátricos e comportamentais na vida adulta (Zalsman; Levy; Shovai, 2008; Brodsky; Oquendo; Ellis, 2008; Clark *et al.* 2010).

Partindo do entendimento em que se pesa importância para análise das crenças acerca do abuso em questão, a inteligência emocional se apresenta como um dos construtos psicológicos com potencial relação. Petrides (2017) afirma que a inteligência emocional é um construto no qual as pessoas se diferenciam quanto à captação, processamento e utilização de informações intra e interpessoais. Outros autores afirmam que pessoas que têm maiores níveis de inteligência emocional são mais habilidosas na percepção, uso, compreensão e regulação das emoções, em si e em outras pessoas, tendendo a mostrarem melhor ajustamento social (Brackett, *et al.*, 2006; Ciarrochi *et al.*, 2001; Mayer; Roberts; Barsade, 2008). Com base nisso, é possível supor que a inteligência emocional influencie a percepção e as crenças das pessoas quanto ao abuso sexual, mas a relação entre esses dois fatores, apesar da sua relevância social, tem recebido pouca atenção de pesquisadores. Assim, o presente trabalho, levando em conta a

importância e a pouca exploração do tema, pretende analisar as relações entre a inteligência emocional e as experiências emocionais e crenças sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes, cujo detalhamento é apresentado a seguir.

4.OBJETIVOS

4.1. Geral

Analisar as relações entre Inteligência Emocional, experiência emocional e as crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes.

4.2. Específicos

1. Investigar se existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual;
2. Identificar como as pessoas vivenciam emocionalmente (sentimentos e energia) notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes;
3. Investigar se há efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes;
4. Investigar as relações entre os fatores de inteligência emocional e as crenças sobre abuso sexual;
5. Investigar as relações entre inteligência emocional e experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes.

5.HIPÓTESES

Para o primeiro objetivo da pesquisa, a hipótese esperada é a de que gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso bem como escolaridade apresentem algum efeito nas crenças. Essa hipótese se baseia na percepção do sexo feminino ao visualizar as interações criança-adulto como típicas de abuso sexual, de forma a tender a culpabilizar menos a criança e adolescente, ao contrário do sexo masculino, que classifica essas mesmas práticas sexuais como menos abusivas bem como atribuem mais culpa às crianças e adolescentes (Broussard; Wagner; Kazelkis, 1991; Finkelhor; Redfield, 1984). Conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou sofrer abuso aparece como provável influência nas crenças sobre o assunto, partindo dos estudos de Paixão e Neto (2020), Jonzon e Lindbland (2004) e Elliott e Carnes (2001) de que pessoas as quais foram abusadas e familiares as quais recebem essas notícias, se tornam mais sensíveis as temáticas relativas à sexualidade. A escolaridade surge como potencial efeito nas crenças, partindo da literatura de que baixa escolaridade seria um dos fatores de riscos para que se aconteça o abuso (Amazarray; Koller, 1998; Machado, 2008; Ribeiro, 2009; Hunt; Walsh, 2011; Zambon *et al.*, 2012), além da importância dada a educação como estratégia de prevenção ao crime, através de noções básicas de educação sexual (Brasil, 2024).

Do segundo objetivo, a hipótese esperada é a de que as experiências emocionais variem em torno de sentimentos desagradáveis e nível de energia alto no mood-meter. Infere-se essa hipótese partindo dos estudos acerca das reações emocionais de pessoas as quais foram abusadas de Coyle *et al.* (2014), sendo o nojo mais comum, emoção esta que se encontra em nível médio de energia e baixo em sentimento, o que indica sentimento desagradável na figura de emoções de Brackett, o mood-meter. Além disso, reações emocionais positivas das mães (Jonzon; Lindbland, 2004) as quais recebem as notícias de abuso dos seus filhos, perpassam pela raiva do abusador, emoções estas que indicam na figura de Brackett, alto em energia e sentimento desagradável. Finalizando com as reações emocionais paternas em estudos de Elliott e Carnes (2001) no qual apresentaram angústia ao tomar conhecimento do relato, emoção essa que se encontra em nível baixo de energia e sentimento, sendo desagradável.

Acerca do terceiro objetivo de pesquisa, a hipótese formulada foi a de que gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso e escolaridade apresentariam algum efeito na experiência emocional, uma vez que o gênero feminino e maior escolaridade tendem a ter mais sensibilidade diante de situações de violência. Essa hipótese partiu dos mesmos estudos os quais fundamentaram a primeira hipótese (Broussard; Wagner; Kazelkis, 1991; Finkelhor; Redfield, 1984; Paixão; Neto, 2020; Jonzon; Lindbland, 2004; Elliott; Carnes,

2001; Amazarray; Koller, 1998; Machado, 2008; Ribeiro, 2009; Hunt; Walsh, 2011; Zambon *et al.*, 2012).

Referente ao quarto objetivo de pesquisa, foi levantada a hipótese de que altos níveis de inteligência emocional apresentariam menos tolerância à legitimação do abuso, demonstrando maior sensibilidade à seriedade e repercussões do evento. Assim, partindo do objetivo geral, acredita-se que a Inteligência Emocional se relaciona negativamente com a Escala de Crenças sobre o Abuso Sexual, ou seja, maiores níveis de Inteligência Emocional acarretariam menor tolerância/legitimação. Contudo, não foram encontrados estudos que fizessem relação direta entre Inteligência Emocional e crenças sobre abuso sexual de crianças e adolescentes, porém, conforme as relações entre inteligência emocional e outros tipos de violência, como estudos de García-Sancho, Salguero e Fernández-Berrocal (2014) de que habilidades emocionais e comportamentos agressivos se correlacionam negativamente, bem como níveis maiores de inteligência emocional provocam melhores ajustamentos sociais (Brackett *et al.*, 2006; Ciarrochi *et al.*, 2001; Mayer; Roberts; Barsade, 2008), levantou-se essa hipótese. Inicialmente, as hipóteses foram elaboradas pensando no fator geral da Inteligência Emocional, que, na prática, pode ser representado por um ou mais fatores primários. Nesse sentido, o estudo será um tanto exploratório também.

Relativo ao quinto e último objetivo, a hipótese parte da inferência de que haja correlação positiva entre inteligência emocional e experiência emocional energia, assim como negativa com sentimentos, sendo estes desagradáveis. Essa hipótese emerge a partir da literatura de que maiores níveis de inteligência emocional geram melhores ajustamentos sociais (Brackett *et al.*, 2006; Ciarrochi *et al.*, 2001; Mayer; Roberts; Barsade, 2008). Assim, aqueles que apresentam melhores índices em inteligência emocional mostrar-se-iam mais “prontos para agir” diante das notícias e, teriam sentimentos desagradáveis em relação a elas.

6.MÉTODO

Para a presente pesquisa, foram utilizados quatro instrumentos, iniciando pelo questionário sociodemográfico, depois o inventário de competências emocionais, seguido pela escala de crenças sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes, finalizando com o mood-meter.

6.1. Participantes

A amostra deste estudo foi selecionada com base em critérios de conveniência e reuniu um total de 319 pessoas distribuídas pelos estados brasileiros, que majoritariamente são do gênero feminino com 79% e 21% do gênero masculino. A faixa etária dos participantes tem por média 35,88 anos e desvio padrão 13,8. Além disso, a escolaridade do gênero feminino, 15,9% (40) são do Ensino Médio, 42,5% (107) são do Ensino Superior e 41,7% (105) são da Pós-Graduação. Do gênero masculino, 20,9% (14) são do Ensino Médio, 37,3% (25) são do Ensino Superior e 41,8% (28) são da Pós-graduação. A maioria dos participantes eram solteiros(as), 53,1% seguido de casados(as) 29,7%.

No que diz respeito a ter ou não sofrido abuso ou conhecer ou não alguém que tenha sofrido, do gênero feminino, apenas 24,2% não sofreu abuso sexual ou não conhece alguém que tenha sofrido, enquanto 75,8% sofreram abuso ou conhece alguém que tenha sofrido. Do gênero masculino, 35,8% não sofreu abuso ou não conhece alguém que tenha sofrido, enquanto 64,2% sofreram abuso ou conhece alguém que tenha sofrido. A tabela a seguir, traz alguns pontos relativos ao gênero, ter ou não sofrido abuso ou conhecer ou não alguém que tenha sofrido abuso, bem como escolaridade, média das idades e desvio padrão.

Tabela 1- Gênero, ter ou não sofrido abuso ou conhecer ou não alguém que tenha sofrido abuso, escolaridade, média das idades e desvio padrão.

Gênero	Sofreu ou não abuso ou conhece ou não alguém que tenha sofrido	Escolaridade	Média Idade	Desvio Padrão Idade
Feminino	Não	Ensino Médio	26,92	8,72
Feminino	Não	Ensino Superior	35,46	14,25
Feminino	Não	Pós-Graduação	43,48	11,5
Feminino	Sim	Ensino Médio	30,86	13,82
Feminino	Sim	Ensino Superior	33,08	13,81

Gênero	Sofreu ou não abuso ou conhece ou não alguém que tenha sofrido	Escolaridade	Média Idade	Desvio Padrão Idade
Feminino	Sim	Pós-Graduação	41,23	12,53
Masculino	Não	Ensino Médio	30,67	14,15
Masculino	Não	Ensino Superior	33,22	10,56
Masculino	Não	Pós-Graduação	41	15,5
Masculino	Sim	Ensino Médio	28,82	11,55
Masculino	Sim	Ensino Superior	27,31	7,8
Masculino	Sim	Pós-Graduação	40,88	15,91

De acordo com os autores Bujang e Baharum (2017), têm-se como sugestão amostras de participantes de 782, 193, 84, 46 e 29, respectivamente, para correlações de magnitude 0,1, 0,2, 0,3, 0,4 e 0,5, com 80% de poder e nível de significância menor que 0,05. No presente trabalho foi admitido que correlações girassem em torno de 0,2, com um mínimo necessário de 193 participantes para a coleta. Contudo, a amostra foi de 319 participantes superando o mínimo necessário.

6.2 Instrumentos

6.2.1. Questionário Sociodemográfico

Questionário estruturado contendo informações relativas à idade, gênero, escolaridade, curso, universidade/faculdade, residência (cidade e bairro), profissão, renda e estado civil. Além disso, conterá três perguntas, se o participante sofreu abuso, se conhece alguém que tenha sofrido e se não sofreu bem como não conhece alguém próximo que tenha sido alvo.

6.2.2. Inventário de Competências Emocionais (ICE-R)

Desenvolvido por Bueno *et al.* (2021), é composto por 34 itens respondidos em uma escala Likert de cinco pontos, em que 1 indica que o item não se aplica ao indivíduo e 5 que se aplica completamente. Em estudo fatorial dos mesmos autores, mostrou que os 34 itens do inventário se dividem em 5 fatores: Regulação de emoções em outras pessoas (REOU), Regulação de emoções de baixa potência (REBP), Regulação de emoções de alta potência (REAP), Expressividade emocional (EXPR) e Percepção de emoções (PERC), além de um fator geral de competências emocionais (ICER). Todos apresentaram valores de Coeficiente alfa de Cronbach (α) e ômega de McDonald (ω) superiores a 0,7.

O fator Regulação das emoções em outras pessoas (REOU), é composto por oito itens que envolvem a habilidade em lidar com pessoas emocionalmente problemáticas ou dominadas pela emoção em uma situação, sem desanima-las ou constrange-las, ajudando-as a se sentirem melhor (ex.: item 23. “*Consigo ajudar outras pessoas a se sentirem melhor*”). A Regulação de Emoção em si, se divide em dois fatores: Regulação Emocional de Alta Potência (REAP), com oito itens, os quais dizem respeito a habilidade de regular as emoções de raiva, impulsividade e euforia (ex.: item 25. “*Consigo controlar minha irritação*”); e Regulação das emoções de Baixa Potência (REBP), com sete itens (ex.: item 27. “*Consigo vencer meu desânimo*”), relacionados à capacidade de superar frustrações e automotivação de sentimentos como tristeza e melancolia (Bueno *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2017).

O fator Expressividade emocional (EXPR) é composto por 4 itens, que envolvem o modo como um indivíduo se expressa emocionalmente e comunica essas emoções (ex.: item 6. “*Tenho facilidade de expressar o que eu sinto*”). Ao fim, a Percepção de Emoções (PERC), habilidade de perceber as emoções em si e em outras pessoas, composto por sete itens (ex.: item 2. “*Detecto a influência, positiva ou negativa, que outras pessoas exercem sobre as minhas emoções*”) (Bueno *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2017).

6.2.3 Escala de Crenças sobre o Abuso Sexual (ECAS)

Criada por Machado, Gonçalves e Matos (2000), a escala portuguesa original tinha 17 itens em três fatores. Pereira *et al.* (2019) validaram e adaptaram a escala no Brasil, reduzindo-a para 11 itens em um único fator, cujo coeficiente alfa de Cronbach foi de 0,84. Os itens são respondidos através de escala Likert de cinco pontos, de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). As pontuações na escala podem variar de 11 a 55. Contudo, maiores pontuações sugerem maior tolerância/legitimação do abuso contra crianças e adolescentes. Alguns exemplos dos itens que essa escala fornece: (ex.: item 1. “*É muito raro uma criança/adolescente ser abusada sexualmente.*”), (ex.: item 9. “*Se uma menina já foi abusada antes, então é natural que outros homens abusem dela.*”), (ex.: item 12. “*As adolescentes levam homens mais velhos a abusar delas.*”). No presente estudo, foi utilizada a escala original, tendo em vista sua fidedignidade e robustez.

6.2.4 Mood-meter

O Mood-Meter consiste em duas medidas relacionadas ao estado de humor, que podem ser representadas em um gráfico construído com base no modelo circumplexo do afeto (Russell, 1980). As duas medidas são representadas nos eixos do gráfico, em que no horizontal se tem os

sentimentos, desagradável a agradável, e o vertical contém nível de energia, baixo a alto. Essas variáveis são respondidas separadamente, em relação a um evento ou situação. No estudo em questão, os participantes foram solicitados a avaliarem seu estado emocional (sentimentos e nível de energia), em relação a uma cena de abuso sexual de uma criança e de um adolescente.

Essas cenas de abusos, foram notícias de jornais, a fim de evitar disparo de gatilhos, uma vez que são notícias veiculadas e disponíveis publicamente, contendo o fato e as principais informações de forma resumida, eliminando as informações as quais não convinham à pesquisa e seus objetivos. Foram apresentados quatro casos, dois cuja vítima era do gênero masculino sendo uma criança e outro adolescente, e dois cuja vítima era do gênero feminino, também sendo uma criança e outra adolescente.

Os respondentes avaliaram cada caso nos dois eixos (sentimentos e energia). A interseção entre os valores de cada eixo posiciona um ponto na área do gráfico, que pode ser associado a emoções ou estados emocionais mais específicos. Por exemplo, a área superior esquerda relaciona estados emocionais desagradáveis com alta energia. O estado emocional enfurecido ou furioso é o extremo desse quadrante. A Figura 1 ajuda a identificar as emoções associadas às diferentes regiões do gráfico (Brackett, s.d.).

Enraged	Panicked	Stressed	Jittery	Shocked	Surprised	Upbeat	Festive	Exhilarated	Ecstatic
Livid	Furious	Frustrated	Tense	Stunned	Hyper	Cheerful	Motivated	Inspired	Elated
Fuming	Frightened	Angry	Nervous	Restless	Energized	Lively	Excited	Optimistic	Enthusiastic
Anxious	Apprehensive	Worried	Irritated	Annoyed	Pleased	Focused	Happy	Proud	Thrilled
Repulsed	Troubled	Concerned	Uneasy	Peeved	Pleasant	Joyful	Hopeful	Playful	Blissful
Disgusted	Glum	Disappointed	Down	Apathetic	At Ease	Easygoing	Content	Loving	Fulfilled
Pessimistic	Morose	Discouraged	Sad	Bored	Calm	Secure	Satisfied	Grateful	Touched
Alienated	Miserable	Lonely	Disheartened	Tired	Relaxed	Chill	Restful	Blessed	Balanced
Despondent	Depressed	Sullen	Exhausted	Fatigued	Mellow	Thoughtful	Peaceful	Comfortable	Carefree
Despairing	Hopeless	Desolate	Spent	Drained	Sleepy	Complacent	Tranquil	Cozy	Serene

Figura 1- Mood - meter

Autor: Marc Brackett

6.3 Procedimentos

6.3.1. Coleta de dados

Foram realizados todos os procedimentos respeitando a resolução 510/2016 do Conselho Nacional da Saúde no estudo, de forma a cumprir as condições básicas para a execução de pesquisas envolvendo seres-humanos, tais como: não-maleficência, beneficência, autonomia, justiça e equidade (CNS, 2016). Primeiramente, foi feita o cadastro e submissão do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE (CEP/CCS/UFPE), o qual foi aprovado sob o CAAE de número 77071624.7.0000.5208. As identidades dos participantes foram sigilosas, de forma a garantir o anonimato das informações; bem como solicitada assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para participação.

Após a aprovação do estudo, a pesquisadora divulgou a pesquisa através das redes sociais para a realização da coleta de dados, como banner e link do formulário. A coleta de dados aconteceu entre abril e maio de 2024. Primeiro os voluntários eram convidados a assinarem digitalmente o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de sua leitura e concordância com os objetivos e procedimentos da pesquisa. Cada participante respondeu o instrumento individualmente via formulário Google, sem restrições de tempo para conclusão. Após a coleta e análise dos dados, o instrumento e os questionários estarão todos arquivados pelo período de cinco anos, conforme a Resolução CFP 007/2003 Art. 2º do Código de Ética do Profissional Psicólogo.

6.4 Análise dos dados

A análise de dados foi realizada com auxílio da plataforma R (R Core Team, 2023) e sua interface RStudio (Posit Team, 2024). Foram realizadas análises de estatística descritiva para caracterização da amostra e análises inferências como a correlação de Pearson e ANOVA, empregando-se recursos do pacote *psych* (Revelle, 2023).

7.RESULTADOS

Antes de realizar as análises para responder aos objetivos da pesquisa, é importante verificar se os instrumentos empregados no estudo estão captando informações fidedignas, considerando os fatores obtidos nos estudos originais de desenvolvimento desses instrumentos. Para isso, foram calculados os coeficientes alfa de Cronbach, lambda de Guttman e ômega de McDonald, que são mostrados na tabela abaixo, ao lado das estatísticas descritivas de cada fator. Os fatores foram: Escala de crenças sobre o abuso sexual (ECAS), Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU), Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP), Expressividade Emocional (EXPR), Percepção de Emoções (PERC), Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP), Inventário de Competências Emocionais -Geral (ICER), Mood-meter sentimento (mmse), Mood-meter energia (mmen).

Tabela 2 - Estatísticas descritivas e índices de fidedignidades da Escala de Crenças sobre o Abuso sexual (ECAS), Inventário de Competências Emocionais Revisado (ICE-R) e o mood-meter

Fatores	N	M	DP	Min	Máx	Assim	Curt	α	λ	Ω
Ecas	320	1,12	0,23	1,00	2,73	3,12	13,14	0,747	0,778	0,786
Reou	320	3,86	0,70	1,33	5,00	-0,69	0,41	0,867	0,870	0,898
Rebp	320	3,39	0,69	1,57	5,00	-0,31	-0,14	0,856	0,853	0,892
Expr	320	3,59	0,65	1,50	5,00	-0,35	0,50	0,656	0,617	0,734
Perc	320	4,14	0,63	1,71	5,00	-0,84	0,92	0,775	0,755	0,837
Reap	320	3,36	0,65	1,43	5,00	-0,10	-0,16	0,709	0,698	0,784
Icer	320	3,67	0,50	1,77	5,00	-0,29	0,57	0,918	0,940	0,931
MMSE	320	1,15	0,42	1,00	3,75	3,26	11,25	0,728	0,709	0,803
MMEN	320	2,86	1,54	1,00	5,00	0,10	-1,55	0,977	0,971	0,982

Fonte: A autora (2024).

Nota. N – Número de respostas; M - Média; DP – Desvio Padrão; Min – Mínimo; Máx – Máximo; Assim – Assimetria; Curt – Curtose; α – Coeficiente Alfa de Cronbach, λ – Lambda Guttman; ω = Coeficiente Ômega de McDonald.

Todos os escores podiam variar de 1 a 5, dado que todos os instrumentos empregaram escala Likert de cinco pontos e os escores foram calculados pelas médias nos itens que compõem cada fator. Assim, nota-se que a maioria dos fatores apresentou boa amplitude, médias em torno do ponto central das escalas (3) e boa variabilidade. As exceções foram a ECAS (crenças sobre abuso sexual) e o fator mmse (sentimento) do mood-meter, que apresentaram médias mais próximas do valor mínimo (1), variabilidades mais baixas e valores altos de assimetria e curtose. Os desvios padrões apresentados revelam a variabilidade dos dados coletados, no qual fatores como a ECAS e o MMSEN apresentaram menor variabilidade, sugerindo respostas mais homogêneas entre os participantes. Em contrapartida, o MMEN mostrou uma alta variabilidade, indicando diferenças significativas no fator energia do mood-meter.

Essas características são compatíveis com o conteúdo que esses itens avaliam, respectivamente, crenças sobre abuso sexual e sentimento sobre relatos de abusos sexuais. Os dados mostram que a amostra apresenta pouca tolerância ao abuso e sentimento muito desagradável ao tomar contato com notícias sobre esse tema. Além disso, de forma geral, os índices de fidedignidade (alfa de Cronbach, lambda de Guttman e ômega de McDonalds) indicam que os escores dos instrumentos utilizados na pesquisa, que foram calculados com base nos estudos fatoriais originais, estão relativamente livres de erros de medida para a amostra deste estudo.

O coeficiente Alfa de Cronbach avalia o grau de covariância entre os itens de uma escala ou questionário, indicando a consistência interna da medida. Valores mais altos desse coeficiente sugerem maior consistência interna. No entanto, o Alfa de Cronbach possui limitações, como a influência do número de itens na escala e a proporção da variação total considerada em sua fórmula (Juárez-Juaréz *et al.*, 2019). Diante dessas limitações, o coeficiente Ômega de McDonald foi proposto como uma alternativa mais confiável para mensurar a consistência interna. O cálculo do Ômega baseia-se nas cargas fatoriais dos itens que compõem o fator, sendo essas cargas ponderações das variáveis padronizadas, o que contribui para maior estabilidade nos cálculos. Em termos de interpretação, os valores do coeficiente Ômega são geralmente considerados aceitáveis quando variam entre 0,70 e 0,90, embora valores acima de 0,65 possam ser relevantes em contextos específicos de pesquisa (Juárez-Juaréz *et al.*, 2019). O Conselho Federal de Psicologia (CFP), na resolução nº 09/2018, apresenta os critérios mínimos para aprovação de testes psicológicos pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), no qual são considerados aceitos índices de consistência interna iguais ou superiores a 0,6 (CFP, 2018).

O lambda de Guttman, assim como o Alfa de Cronbach e o Ômega de McDonald, é uma medida de consistência interna utilizada para avaliar a confiabilidade de escalas e questionários. Essas estatísticas oferecem alternativas ao Alfa de Cronbach, especialmente em situações em que a homogeneidade dos itens não pode ser presumida. O lambda tende a superar o Alfa em cenários onde a variância dos itens é heterogênea, proporcionando uma estimativa mais precisa da consistência interna, particularmente quando se trabalha com escalas compostas por itens que não são igualmente correlacionados. Além disso, pode capturar nuances na variabilidade dos itens que o Alfa de Cronbach pode não detectar, oferecendo, assim, uma análise mais detalhada da estrutura interna da escala. Valores mais altos do lambda, assim como no caso do Ômega e do Alfa, indicam maior consistência interna, no entanto, ao contrário do Alfa de Cronbach, o lambda de Guttman não é tão sensível ao número de itens, tornando-o uma ferramenta útil em contextos em que a escala é composta por um número reduzido de itens ou onde a variância entre os itens é significativa. Assim, ao complementar a análise com o lambda de Guttman, juntamente com o Alfa de Cronbach e o Ômega de McDonald, pode-se obter uma visão mais robusta e precisa da consistência interna das escalas, minimizando as limitações associadas a cada um dos coeficientes individuais (Guttman, 1945).

Uma vez constatada a boa qualidade psicométrica das informações coletadas, prosseguiu-se para a realização das análises que irão responder aos objetivos da pesquisa. **O primeiro objetivo investigado** foi analisar se existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual, medidas pela ECAS. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Gênero	1	0,2266	0,2266	4,528	0,03412
Abuso	1	0,2666	0,2666	5,328	0,02164
Escolar.	2	0,2103	0,1052	2,101	0,124
Resíduo	314	15,71	0,05005	NA	NA

Fonte: A autora (2024)

Nota. Df – Graus de Liberdade; Soma dos Quadrados; Média quadrada; F value - Valor F; Pr(>F) - Valor P

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Observa-se na Tabela 3, através da análise de variância (ANOVA) que os resultados

mostram tanto o gênero quanto a variável conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso, possuem efeitos estatisticamente significativos ($p < 0,05$) na variável dependente, ECAS, enquanto a escolaridade não tem um efeito estatístico significativo, indicando que a variação nela não contribui de forma significativa para a variação nas crenças sobre abuso sexual. A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas dessas variáveis.

Tabela 4 - Estatísticas descritivas das diferenças entre grupos

Grupos	Me_ecas	Dp_ecas
Feminino	1,10	0,221
Masculino	1,17	0,244
Não sofreu/Não conhece	1,17	0,293
Sofreu/Conhece	1,10	0,195

Fonte: A autora (2024)

Nota. Me_ecas - Média na ECAS; Dp_ecas - Desvio Padrão na ECAS.

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Na Tabela 4, nota-se que os homens (média = 1,17, dp = 0,24) e as pessoas que não conhecem alguém que tenha sofrido ou não sofreram abuso (média = 1,17, dp = 0,29) apresentaram média mais elevada que as mulheres (média = 1,10, dp = 0,22) e as pessoas que conhecem alguém que tenha sofrido ou sofreram abuso (média = 1,10, dp = 0,19) na ECAS, respectivamente.

Partindo, então, para o **segundo objetivo específico**, de identificar como as pessoas vivenciam emocionalmente (sentimentos e energia) notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes, foram obtidos os resultados apresentados na figura 2. Para essa análise, foi utilizado o mood-meter, gráfico no qual os sentimentos são representados no eixo x e a energia representada no eixo y. O ponto resultante, revela o cruzamento entre a qualidade dos sentimentos (desagradável/agradável) e o nível de energia (baixo/alto) associados às notícias sobre abuso, que pode ser interpretado em termos emocionais. O resultado pode ser observado na Figura 2:

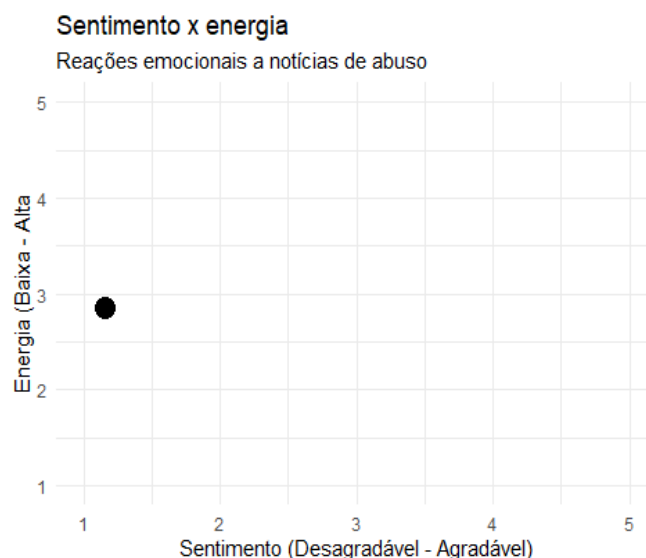


Figura 2 - Reações emocionais a notícias de abuso sexual de crianças e adolescentes

Fonte: A autora (2024)

O gráfico indica que, em média, as pessoas vivenciam notícias sobre abuso sexual com sentimentos extremamente desagradáveis ($m=1,15$, $dp=0,4165$) e um nível médio de energia ($m=2,852$, $dp=1,542$). No mood-meter, isso corresponde a sentimentos de repulsa e nojo, sendo essa a experiência emocional média da amostra. Considerando a variação do primeiro desvio padrão, observa-se uma maior variação na experiência emocional, especialmente em relação ao nível de energia. Os sentimentos permanecem muito próximos da pontuação mínima da escala (de 1 a 1,57), indicando sentimentos extremamente desagradáveis. Partindo disso, analisa-se o **terceiro objetivo** da pesquisa, que foi investigar se há efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes, observados nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5 - Efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional energia

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Gênero	1	0,03322	0,03322	0,0139	0,9062
Sofreu abuso	1	1,386	1,386	0,5802	0,4468
Escolaridade	2	4,013	2,006	0,8397	0,4328

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Residuals	314	750,3	2,389	NA	NA

Fonte: A autora (2024)

Nota. Df – Graus de Liberdade; Soma dos Quadrados; Média quadrada; F value - Valor F; Pr(>F) - Valor P.

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Nota-se a partir da observação da Tabela 5, que não houve efeito estatisticamente significativo na variável experiência emocional energia, tendo indicado todos os p-valores acima de 0,05. Com base nisso, infere-se que não há indicativos capazes de certificar o efeito dos fatores na experiência emocional energia.

Tabela 6 - Efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade na experiência emocional sentimento

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Gênero	1	0,006389	0,006389	0,037	0,8476
Sofreu abuso	1	0,03517	0,03517	0,2037	0,652
Escolaridade	2	0,8948	0,4474	2,591	0,07652
Residuals	314	54,22	0,1727	NA	NA

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Nenhum dos fatores analisados (gênero, conhecer alguém que tenha sofrido ou ter sofrido abuso e escolaridade) mostrou um efeito estatisticamente significativo na variável dependente, experiência emocional sentimento, com todos os p-valores sendo superiores a 0,05. Isso sugere que, com base nos dados disponíveis, não há evidências suficientes para afirmar que esses fatores têm um impacto sobre as experiências emocionais. Não houve diferenças entre grupos (por gênero, ter sofrido abuso ou escolaridade) nas experiências emocionais diante de notícias referentes ao abuso sexual de crianças e adolescentes.

Em seguida, investigou-se a relação entre os fatores de inteligência emocional do ICE-R e as crenças sobre abuso sexual (ECAS), **quarto objetivo específico** de pesquisa. Para isso, foram calculados os coeficientes de correlação de Pearson entre as variáveis, cujos resultados encontram-se na Tabela 7:

Tabela 7 - Relações entre Inteligência Emocional e crenças sobre abuso sexual

Variáveis	ECAS
Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU)	0,06
Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP)	0,04
Expressividade Emocional (EXPR)	-0,01
Percepção de Emoções (PERC)	-0,01
Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP)	0,12*
Inventário de Competências Emocionais – Geral (ICER)	0,05

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

A partir da observação da Tabela 7, pode-se verificar que houve apenas uma correlação positiva e estatisticamente significativa de regulação de emoções de alta potência em si mesmo (REAP) com crenças sobre abuso sexual (ECAS). Para verificar se os resultados sofreriam efeito de gênero, conhecer ou não alguém que tenha sofrido ou ter ou não sofrido abuso e escolaridade, foram realizadas análises correlacionais para essas diferentes subamostras, como mostra nas tabelas a seguir:

Tabela 8 - Efeito do gênero na correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS)

Variáveis	ECAS - Fem	ECAS - Mas
Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU)	0,11	-0,11
Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP)	0,08	-0,14
Expressividade Emocional (EXPR)	0,05	-0,2
Percepção de Emoções (PERC)	0,04	-0,13
Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP)	0,17*	-0,02
Inventário de Competências Emocionais – Geral (ICER)	0,12	-0,17
Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS)	1***	1***

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Houve correlação positiva e estatisticamente significativa entre a ECAS e REAP apenas para o gênero feminino, reproduzindo os dados da amostra geral, o que sugere que esse resultado se dá devido à influência do grupo do gênero feminino, a qual é maioria da amostra

coletada. Não houve correlações estatisticamente significativas no gênero masculino. A seguir, a Tabela 9 indicará o efeito de não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido e ter sofrido abuso ou conhecer alguém que tenha sofrido na correlação entre inteligência emocional e a ecas.

Tabela 9 - Efeito de não sofreu abuso ou não conhece alguém que sofreu abuso e sofreu ou conhece alguém que sofreu na correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS)

Variáveis	ECAS – Não	ECAS – Sim
Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU)	0,1	0,04
Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP)	-0,1	0,1
Expressividade Emocional (EXPR)	-0,15	0,07
Percepção de Emoções (PERC)	-0,02	0
Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP)	0,1	0,12
Inventário de Competências Emocionais – Geral (ICER)	-0,02	0,09
Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS)	1***	1***

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$. ECAS-SIM: Correlações com o grupo que sofreu ou conhece alguém que sofreu abuso; ECAS-NÃO: Correlações com o grupo que não sofreu nem conhece alguém que tenha sofrido abuso.

De acordo com a verificação da Tabela 9, pode-se constatar que não houve correlações estatisticamente significativas entre inteligência emocional e crenças sobre abuso em ambos os grupos, quanto a não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido abuso, e o grupo ter sofrido abuso ou conhecer alguém que tenha sofrido abuso. A seguir, foi analisado o efeito da escolaridade na correlação entre inteligência emocional e a ecas.

Tabela 10 - Efeito de escolaridade correlação entre Inteligência Emocional (ICER) e Crenças sobre Abuso (ECAS)

Variáveis	ECAS – EM	ECAS – ES	ECAS – PG
Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU)	0,09	0,06	0,09

Variáveis	ECAS	ECAS	ECAS
	– EM	– ES	– PG
Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP)	0,07	-0,01	0,2*
Expressividade Emocional (EXPR)	0	-0,11	0,18*
Percepção de Emoções (PERC)	-0,06	0	0,07
Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP)	0,12	0,12	0,2*
Inventário de Competências Emocionais – Geral (ICER)	0,06	0,01	0,2*
Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS)	1***	1***	1***

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$. ECAS-EM: Ensino Médio; ECAS-ES: Ensino Superior; ECAS-PG: Pós-Graduação.

Nota-se a partir da análise da tabela 10, que dentro os níveis de escolaridade, apenas na pós-graduação houve correlações estatisticamente significativas, sendo elas positivas e baixas, entre inteligência emocional e crenças sobre abuso nas variáveis de REBP, EXPR, REAP e pontuação geral no ICER com a ECAS. Partindo dessa análise, foi feito a observação do **quinto objetivo de pesquisa** sobre investigar as relações entre inteligência emocional e experiência emocional (sentimentos e energia) relacionada a notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes., cujos resultados estão na Tabela 11.

Tabela 11 - Relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional diante das notícias de abuso

Variáveis	MMSE	MMEN
Regulação de Emoções em Outras Pessoas (REOU)	0,02	0,09
Regulação de Emoções de Baixa Potência (REBP)	0,04	0,19**
Expressividade Emocional (EXPR)	-0,04	0,06
Percepção de Emoções (PERC)	-0,01	0,08
Regulação de Emoções de Alta Potência (REAP)	0,09	0,2**
Inventário de Competências Emocionais – Geral (ICER)	0,03	0,17*

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$. MMSE: Mood-Meter Sentimentos; MMEN: Mood-Meter Energia.

Na exploração dos dados da Tabela 11, verifica-se que houve correlações

estatisticamente significativas, baixas e positivas de REBP, REAP e ICER com o nível de energia no Mood-Meter (mmen). Para verificar se essas correlações seriam moderadas por gênero, não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido, ter sofrido abuso ou conhecer alguém que tenha sofrido e escolaridade, foram realizadas as seguintes, observados nas tabelas a seguir, a começar pela Tabela 12.

Tabela 12 - Efeito do gênero na relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional

Variáveis	REOU	REBP	EXPR	PERC	REAP	ICER
Mood-Meter Sentimento (MMSE) - Feminino	0,02	0,06	-0,01	0	0,07	0,04
Mood-Meter Energia (MMEN) - Feminino	0,07	0,22***	0,08	0,08	0,17**	0,17**
Mood-Meter Sentimento (MMSE) - Masculino	0,03	-0,02	-0,15	-0,03	0,17	0
Mood-Meter Energia (MMEN) - Masculino	0,18	0,06	-0,04	0,05	0,36**	0,17

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

O padrão de correlações apresentado na amostra total também foi encontrado na matriz de correlações para o gênero feminino, ou seja, correlações estatisticamente significativas em REBP, REAP e ICER com o nível de energia no mood-meter. No entanto, a matriz de correlações para o gênero masculino revelou que apenas a regulação de emoções de alta potência (REAP) apresentou uma manifestação positiva e moderada com o nível de energia no mood-meter. A Tabela 13 dá continuidade dos efeitos das variáveis nas relações, sendo não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido e sofrer abuso ou conhecer alguém que tenha.

Tabela 13 - Efeito de não ter sofrido abuso ou não conhecer alguém que tenha sofrido e sofreu abuso ou conhece alguém que tenha sofrido na relação entre Inteligência

Emocional e Experiência Emocional

Variáveis	REOU	REBP	EXPR	PERC	REAP	ICER
Mood-Meter Sentimento (MMSE) - Não	0,02	-0,02	-0,21	-0,03	0,05	-0,06
Mood-Meter Energia (MMEN) - Não	0,01	0,1	0	0,11	0,16	0,1
Mood-Meter Sentimento (MMSE) - Sim	0,02	0,07	0,02	0	0,11	0,06
Mood-Meter Energia (MMEN) - Sim	0,12	0,22***	0,08	0,07	0,22***	0,19**

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Nota-se que o grupo representado na Tabela 13, ter sofrido abuso ou conhecer alguém que tenha sofrido abuso, manifestou os mesmos resultados da amostra geral, ou seja, correlações estatisticamente significativas entre REBP, REAP e ICER com o nível de energia do mood-meter. Enquanto o grupo que não sofreu ou não conhece alguém que tenha sofrido não apresentou nenhuma correlação estatisticamente significativa. A Tabela 14, a seguir, mostrará os efeitos da escolaridade na relação também sobre inteligência emocional e experiência emocional.

Tabela 14 - Efeito de escolaridade na relação entre Inteligência Emocional e Experiência Emocional

Variáveis	REOU	REBP	EXPR	PERC	REAP	ICER
Mood-Meter Sentimento (MMSE) – Ensino Médio	0,2	0,02	0,03	-0,02	0,2	0,12
Mood-Meter Energia (MMEN) – Ensino Médio	0,18	0,23	-0,04	0,16	0,34*	0,23
Mood-Meter Sentimento (MMSE) - Superior	-0,05	0,07	-0,12	0,04	0,08	0
Mood-Meter Energia (MMEN) - Superior	0,2*	0,25**	0,24**	0,13	0,21*	0,28**
Mood-Meter Sentimento (MMSE) –	0,05	0,14	0,05	0,01	0,07	0,09

Variáveis	REOU	REBP	EXPR	PERC	REAP	ICER
Pós-Graduação						
Mood-Meter Energia (MMEN) – Pós-Graduação	-0,09	0,09	-0,12	-0,06	0,11	-0,02

Fonte: A autora (2024)

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Houve efeito de escolaridade nas correlações entre as variáveis, do grupo com ensino médio e os com ensino superior. Dentre aquelas que tinham ensino médio, observou-se correlação moderada, positiva e estatisticamente significativa entre REAP e nível de energia no mood-meter. Entre os participantes com ensino superior, todas as variáveis da inteligência emocional apresentaram correlações fracas, positivas e significativas com o nível de energia no mood-meter, com exceção de PERC, que não foi estatisticamente significativa. Por fim, não houve nenhuma correlação estatisticamente significativa na matriz de correlações dos participantes com pós-graduação.

8.DISSCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as relações entre Inteligência Emocional, experiência emocional e as crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes. De maneira geral, os resultados do presente estudo demonstraram que a média de crenças sobre o abuso foi baixa, isso significa que a amostra do estudo foi muito intolerante ao abuso, não se prendendo a crenças legitimadoras. O primeiro objetivo específico perpassou por investigar se existe efeito de gênero, conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso e escolaridade nas crenças sobre abuso sexual, medido pela Escala de Crenças sobre Abuso Sexual – ECAS. Os homens e as pessoas que não conhecem alguém que tenha sofrido ou não sofreram abuso apresentaram média mais elevada que as mulheres e as pessoas que conhecem alguém que tenha sofrido ou sofreram abuso na ECAS, respectivamente. Este resultado indica que homens e pessoas que não sofreram abuso ou não conhecem quem tenha sofrido, são menos intolerantes a legitimação do abuso sexual contra crianças e adolescentes, com pontuações ligeiramente mais altas em relação aos outros grupos, o que não quer dizer que sejam tolerantes. Mesmo havendo a diferença entre grupos, os resultados indicaram que a amostra do estudo foi muito intolerante ao abuso, sem pertencerem as crenças legitimadoras, tais quais: “2. Só as meninas são vítimas de abuso sexual”; “3. As pessoas que abusam sexualmente de crianças/adolescentes são quase sempre desconhecidas.”; “17. Se não houver penetração, então o abuso é pouco grave.”

Esse resultado corroborou a hipótese de que gênero e conhecer alguém que tenha sofrido abuso ou ter sofrido abuso apresentassem efeito sobre as crenças sobre abuso. Esse resultado é apoiado pela literatura científica, que tem reportado que pessoas do gênero feminino percebem a prática sexual de crianças e adolescentes como realmente abusivas (Broussard; Wagner; Kazelkis, 1991; Finkelhor; Redfield, 1984). O fato de pessoas que sofreram ou conhecem quem tenha sofrido também possuírem pontuações mais baixas, pode se dar devido à sensibilidade de ter vivenciado essa violência de forma tão próxima. Essa interpretação é apoiada por estudos como o de Paixão e Neto (2020), que reportaram que essa população apresenta comportamentos diferenciados e mais sensíveis no que tange à sexualidade e relacionamentos. A hipótese de que a escolaridade haveria efeito, de acordo com a literatura (Amazarray; Koller, 1998; Machado, 2008; Ribeiro, 2009; Hunt; Walsh, 2011, Zambon *et al.*, 2012) de que seria um dos fatores de risco para a ocorrência do abuso, não foi confirmada, sendo os resultados do presente estudo contrários a literatura.

Do segundo objetivo de pesquisa, foi feita análise de identificar como as pessoas

vivenciam emocionalmente (sentimentos e energia) notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes. Em média, as pessoas experienciaram as notícias de abuso com sentimentos extremamente desagradáveis, próximo do 1 no gráfico, e nível médio de energia, próximo do 3 no gráfico. Como foi utilizado o mood-meter para avaliar, esses dados indicam sentimentos de repulsa e nojo. Os níveis de energia variaram de 1,31 a 4,39, mostrando uma variação na experiência emocional, que vai do desespero (*despairing*) à fúria (*fuming*), passando pelo nojo (*disgusted*) e ansiedade (*anxious*), conforme figura a seguir:

Enraged	Panicked	Stressed	Jittery	Shocked	Surprised	Upbeat	Festive	Exhilarated	Ecstatic
Livid	Furious	Frustrated	Tense	Stunned	Hyper	Cheerful	Motivated	Inspired	Elated
Fuming	Frightened	Angry	Nervous	Restless	Energized	Lively	Excited	Optimistic	Enthusiastic
Anxious	Apprehensive	Worried	Irritated	Annoyed	Pleased	Focused	Happy	Proud	Thrilled
Repulsed	Troubled	Concerned	Uneasy	Peeved	Pleasant	Joyful	Hopeful	Playful	Blissful
Disgusted	Glum	Disappointed	Down	Apathetic	At Ease	Easygoing	Content	Loving	Fulfilled
Pessimistic	Morose	Discouraged	Sad	Bored	Calm	Secure	Satisfied	Grateful	Touched
Alienated	Miserable	Lonely	Disheartened	Tired	Relaxed	Chill	Restful	Blessed	Balanced
Despondent	Depressed	Sullen	Exhausted	Fatigued	Mellow	Thoughtful	Peaceful	Comfortable	Carefree
Despairing	Hopeless	Desolate	Spent	Drained	Sleepy	Complacent	Tranquil	Cozy	Serene

Figura 3 - Mood - meter

Autor: Marc Brackett

Quando avalia o primeiro desvio padrão, observa-se maior variação no nível de energia, enquanto os sentimentos variam muito pouco ao redor da média. Esses dados corroboraram em parte a hipótese que esperava reações emocionais desagradáveis e nível de energia alto, uma vez que, de fato, houve sentimentos desagradáveis, porém, os níveis de energia foram em geral, médios.

Estudos de Jonzon e Lindbland (2004) sobre reações emocionais de mães ao receberem a notícia de filhas que foram abusadas, podem ser explicativos e corroborativos para os resultados da presente pesquisa, devido as três classificações de reações as notícias, sendo elas: reações positivas, negativas e neutras, uma vez que reações positivas, de acordo com a literatura, perpassam por raiva do abusador, emoção esta que foi encontrada na amostra. No estudo de Sequeira (2013), sobre pais de vítimas de abuso sexual, estes manifestam perturbações emocionais e reações emocionais angustiantes face à revelação do abuso de seus filhos, reação esta que também parte das mães as quais escutam tais relatos de seus filhos. Além desses estudos com mães e pais, os realizados com vítimas de violência sexual, trazem que estas apresentam nojo como emoções mais comumente relatadas (Coyle *et al.*, 2014). Ou seja,

partindo desses estudos, as pessoas respondentes da presente pesquisa tiveram reações coerentes com as reportadas nesses estudos perante as notícias de abuso. Em todos os casos, os sentimentos giraram em torno da raiva, ansiedade e nojo. Embora esses sentimentos sejam distintos, eles se localizam no quadrante superior direito do mood-meter e têm em comum o fato de serem desagradáveis e mobilizadores de energia (ativação fisiológica e agitação) (Brackett, n.d.).

O terceiro objetivo da pesquisa foi investigar se gênero, conhecer alguém que sofreu ou ter sofrido abuso, e escolaridade afetam a experiência emocional ao ler notícias sobre abuso sexual de crianças e adolescentes. Os resultados mostraram que nenhum desses fatores teve efeito significativo na experiência emocional, pois todos os p-valores foram superiores a 0,05. Assim, não houve diferença significativa entre os grupos, e todos podem ser representados pela média amostral.

O quarto objetivo de pesquisa, que se referia a investigar as relações entre os fatores de inteligência emocional e as crenças sobre abuso sexual, foi encontrada relação positiva e estatisticamente significativa somente de regulação de emoções de alta potência em si mesmo (REAP) com crenças sobre abuso sexual (ECAS). A REAP refere-se à capacidade de regular a impulsividade, tanto de raiva, quanto da euforia (Bueno *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2017). Esse resultado varia em função do gênero e da escolaridade. Apenas as mulheres apresentaram correlação positiva e significativa da variável REAP com a ECAS. O resultado geral também sofreu efeito de escolaridade, pois participantes com pós-graduação apresentaram correlações das variáveis REBP, EXPR, REAP e pontuação geral no ICER com a ECAS.

No que tange ao gênero, infere-se que, mulheres que regulam mais emoções como raiva, estresse e dentre outros, tendem a ser menos intolerantes em relação ao abuso de crianças e adolescentes. Assim, interpreta-se que indivíduos que controlam mais emoções de alta potência podem se tornar um pouco mais insensíveis, uma vez que é essencial permitir que um nível mínimo de excitação emocional flua pelo corpo para gerar uma resposta comportamental intolerante ao abuso, conforme estudos de Gross (2014) acerca da supressão emocional. A composição da amostra pode ter influência no processo, mas os dados disponíveis só mostram a relação entre REAP e ECAS.

Não foram encontrados estudos que pudessem explicar o porquê de pessoas com pós-graduação com melhores regulações emocionais e expressividade obterem pontuações ligeiramente mais altas na escala de crenças sobre abuso sexual de crianças e adolescentes. Vale destacar que a regulação emocional de baixa potência diz respeito à habilidade de lidar com sentimentos como tristeza, desânimo ou medo, capacitando a superar frustrações (Bueno *et al.*,

2021; Castro *et al.*, 2017). Esse resultado pode gerar uma interpretação de que quanto maiores os níveis de regulação emocional, baixa e alta potência, maiores os níveis de tolerância a legitimação do abuso, todavia mesmo que seja uma interpretação correta, a mais precisa seria de que pontuações mais altas em regulação de emoções, baixa e alta potência, indicaria que esses indivíduos são ligeiramente menos intolerantes a legitimação do abuso

Provavelmente, o que conduz a tolerância aumentar ou não, é o que a pessoa respondente sente em relação à situação de abuso. Ou seja, regular bem as emoções de alta e de baixa potência, poderia inferir que ela não experimenta a emoção a qual tornaria mais intolerante, uma vez que ela escolhe a situação em que lhe causará menos impacto emocional. Dentre as estratégias de regulação de emoções, tem-se a supressão, a qual pode auxiliar em momentos cruciais, mas prejudiciais a longo prazo, uma vez que evitam experienciar a emoção por completo como forma adaptativa. Nesse sentido, a supressão de emoções (de alta e de baixa potência) poderiam ajudar a pessoa a responder os itens do teste, tornando-as mais "frias", por que, de fato, o objetivo da pessoa, naquele momento era responder o questionário, então, emocionar-se poderia haver desvios (Smith; Kellman, 1989; Gross, 2014).

Assim, do quinto e último objetivo de pesquisa, que explorou as relações entre inteligência emocional e experiência emocional diante das notícias de abuso sexual de crianças e adolescentes. Foi constatado correlações estatisticamente significativas, baixas e positivas de REBP, REAP e ICE-R com o nível de energia no Mood-Meter (mmen). Disso compreende-se que as pessoas que regulam melhor as emoções de baixa potência, tais como tristeza, e de alta potência, como raiva, obtém maiores pontuações em energia. Ao ler a notícia, a pessoa regula as emoções, mas suprime sua expressão, entretanto, internamente, ela sente ainda mais intensamente a energia, ou seja, o componente fisiológico das emoções, que exerce uma pressão para se manifestar por meio de algum tipo de comportamento, conforme a literatura (Gross, 2015).

Ao serem moderados pelos grupos, gênero, experiência de abuso e escolaridade, foram observados efeitos específicos em alguns casos, como no gênero feminino, nas pessoas que sofreram ou conhecem alguém que tenha sofrido abuso, e naqueles com ensino médio e superior. Dessa forma, as correlações entre o ICE-R e a experiência emocional variam em função dessas variáveis. Por exemplo, o gênero feminino, e pessoas que sofreram ou conhecem alguém que sofreu abuso bem como escolaridade em nível superior apresentaram correlações similares à amostra geral. Os demais grupos apresentaram correlações não significativas ou número menor de correlações que fossem significativas, o que torna possível visualizar que esses resultados, especialmente os efeitos de gênero e ter sofrido abuso, tenham sido

significativos uma vez que o número desses participantes é maior na amostra, e podem ter funcionado como moderadores perpassando pela literatura (Broussard; Wagner; Kazelkis, 1991; Finkelhor; Redfield, 1984; Paixão e Neto, 2020). Além do mais, baixo nível de escolaridade dos pais é um dos fatores relacionados aos maus tratos na infância (Zambon *et al.*, 2012), bem como a existência de fatores de riscos socioeconômicos para ocorrência do abuso sexual infantojuvenil, este que tem sido debatido na câmara legislativa, trazendo a educação como importante no combate (Brasil, 2024). Assim, interpreta-se que, acesso à informação e maiores níveis de escolaridade sejam agentes essenciais no entendimento, prevenção e combate do problema.

9.CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo fornecem um panorama abrangente sobre as relações entre inteligência emocional, crenças sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes e experiências emocionais diante de notícias relacionadas a esse tema. A análise revelou que variáveis como gênero, escolaridade e experiências prévias estão fortemente associadas às crenças sobre o abuso, destacando o papel das vivências individuais e do contexto sociocultural na formação dessas crenças. A inteligência emocional, por sua vez, mostrou-se uma habilidade central na compreensão e no ajustamento das respostas emocionais a esse tipo de violência, indicando que indivíduos com maiores níveis de IE tendem a apresentar crenças mais intolerantes em relação ao abuso e maior sensibilidade ao impacto emocional desses eventos.

Embora a pesquisa tenha desempenhado um papel importante na compreensão do abuso sexual, das crenças e das competências emocionais associadas, ela apresenta algumas limitações. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres da região Nordeste, com escolaridade acima do ensino médio, o que restringe a generalização dos achados. Investigações futuras poderiam ampliar o escopo para incluir públicos mais diversos, considerando diferentes contextos socioculturais e níveis educacionais, permitindo uma avaliação comparativa entre grupos distintos. Além disso, o estudo enfrentou o desafio da desejabilidade social, já que o tema sensível pode ter levado os participantes a responderem de forma condizente com o que é socialmente aceitável, e não necessariamente com seus pensamentos ou comportamentos genuínos.

Outra limitação identificada foi a baixa variabilidade nos escores da Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS), o que dificultou a obtenção de correlações robustas com outras variáveis. Replicações futuras poderiam adotar instrumentos com itens menos incisivos, visando captar nuances mais diversificadas das crenças sobre abuso sexual. Apesar dessas limitações, os achados reforçam a importância de intervenções que promovam o fortalecimento das competências emocionais e a educação em direitos humanos como estratégias para combater crenças equivocadas e fomentar atitudes empáticas e assertivas.

A continuidade de estudos sobre o tema é essencial, considerando o aumento alarmante nos casos notificados de abuso sexual. Ampliar a compreensão dos processos que envolvem essa problemática social contribui para o desenvolvimento de métodos mais eficazes de prevenção e conscientização. Trabalhar na transformação do meio, por meio de ações preventivas, é imprescindível para reduzir os impactos do abuso e promover uma sociedade mais informada e engajada no enfrentamento dessa questão.

REFERÊNCIAS

ADED, Naura Liane de Oliveira; DALCIN, Bruno Luís Galluzzi da Silva; MORAES, Talvane Marins de; CAVALCANTI, Maria Tavares. Abuso Sexual em Crianças e Adolescentes: Revisão de 100 Anos da Literatura. **Revista Psiquiatria Clínica**, v.33, n.4, p. 204-213, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000400006>.

ALMEIDA, Ana Catarina Entrudo Pires de. **Abuso sexual de crianças: Crenças sociais e discursos da Psicologia**. 2003. 134f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação e Psicologia, Braga, 2003. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/3197>

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 003, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014>.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION-APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2014.

ACCORSSI, Aline; SCARPARO, Helena; GUARESCHI, Pedrinho. A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. **Psicologia & Sociedade**, v.24, n.3, p.536-46, 2012. DOI:<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300007>

BAPTISTA, Rosilene Santos; FRANÇA, Inácia Spatiro Xavier de; COSTA, Carlione Moneta Pontes da; BRITO, Virgínia Rossana de Sousa. Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 602-608, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002008000400011>.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira; KALAJA, Paula. Introduction: Beliefs about SLA revisited. **Special Issue of System**, v. 39, p. 281-289, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.system.2011.07.001>.

BAR-ON, Reuven. Emotional Intelligence: An Integral Part of Positive Psychology. **South**

African Journal of Psychology, v. 40, p. 54-62, 2010. DOI: 10.1177/008124631004000106.

BECK, Aaron. T.; RUSH, A. John; SHAW, Brian. F.; EMERY, Gary. **Terapia cognitiva da depressão**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRACKETT, Marc. **How we feel app 3**. Marc Brackett, [sd]. Disponível em: <https://marcbrackett.com/how-we-feel-app-3/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRACKETT, Marc. **Permissão para sentir**. Rio de Janeiro: Sextante, 1. ed., 2021.

BRACKETT, Marc; KREMENITZER, Janet Pickard. **Creating emotionally literate classrooms: An introduction to the RULER approach to social emotional learning**. National Professional Resources Inc./Dude Publishing, 2011.

BRACKETT, Marc A.; MAYER, John D. Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. **Boletim de Personalidade e Psicologia Social**, v. 29, n. 9, p. 1147-1158, 2003. DOI: 10.1177/0146167203254596.

BRACKETT, Marc A.; RIVERS, Susan E; SHIFFMAN, Sara; LERNER, Nicole; SALOVEY, Peter. Relating emotional abilities to social functioning: A comparison of self-report and performance measures of emotional intelligence. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.91, p. 780–795, 2006. DOI: DOI: 10.1037/0022-3514.91.4.780.

BRASIL. **Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes-Abordagem de Casos Concretos em uma Perspectiva Multidisciplinar e Interinstitucional**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Educação é a melhor forma de combater violência sexual contra crianças e adolescentes, defendem debatedoras**. Brasília. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1062065-educacao-e-a-melhor-forma-de-combater-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-defendem-debatedoras/>. Acesso em: 14 set.

2024.

BRASIL. **Lei 8.609 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. Brasília: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 06 de ago de 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **18/5 – Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

BRAUN, Suzana. **A Violência Sexual Infantil na Família: do Silêncio à Revelação do Segredo**. Porto Alegre-RS: AGE editora, 2002.

BRODSKY, Beth S.; OQUENDO, Maria; ELLIS, Steven. P. The relationship of childhood abuse to impulsivity and suicidal behavior in adults with major depression. **Am J Psychiatry**, v. 8, n. 11, p. 1871-1877, 2001. DOI: 10.1176/appi.ajp.158.11.1871.

BROUSSARD, Sylvia; WAGNER, William G., KAZELSKIS, Richard. Undergraduate students' perceptions of child sexual abuse: The impact of victim sex, perpetrator sex, respondent sex, and victim response. **Journal of Family Violence**, v.6, p.267- 278, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00980533>.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, RJ: BestBolso, 11. ed., 2014.

BUENO, Jose Mauricio Haas; CORREIRA, Fernanda Maria de Lira; PEIXOTO, Evandro Morais. Propriedades Psicométricas do Inventário de Competências Emocionais - Versão Revisada Breve (ICE-R). **Psico-USF**, v. 26, n. 3, p. 519–532, 2021. DOI: 10.1590/1413-82712021260310.

BUENO, José Maurício Haas, CORREIA, Fernanda Maria de Lira; PEIXOTO, Evandro Morais. Psychometric Properties of the Emotional Competence Inventory—Short Revised Version (ECI-R). **Psico-USF**, v.26, n.3, p.519–532, 2021. DOI:10.1590/1413-

82712021260310, 2021.

BUJANG, Mohamad Adam; BAHARUM, Nurakmal. A simplified guide to determination of sample size requirements for estimating the value of intraclass correlation coefficient: a review. **Archives of Orofacial Sciences The Journal of the School of Dental Science**, USM, v.12, n.1, p. 1-11, 2017.

CABALLERO-MENESES, Jonathan Azael; MENEZ, Marina. Influencia del tempo de la música en las emociones. **Revista Colombiana de psicología**, v. 19, n. 1, p. 37-44, 2010.

CAMARGO, Esperanza. Gender inequality and intimate partner violence in Bolivia. **Revista Colombiana de Sociologia**, v. 42, n. 2, p. 257-277, 2019. DOI: 10.15446/rcs.v42n2.69629.

CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana Raquel Rosas; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2ª ed. Brasília, DF: Technopolitik, 2013.

CARVALHO, Cíntia de Sousa; SILVA, Elisângela Ribeiro da; SOUZA, Solange Jobim; SALGADO, Raquel Gonçalves. Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 69-88, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100006>.

CASTRO, Angélica Maria Ferreira de Melo; BUENO, José Maurício Haas; RICARTE, Mirela Dantas; ALBUQUERQUE, Emily Souza Gaião. Validade discriminante entre regulação emocional e resiliência. **Revista Avaliação Psicológica**, v.16, n.2, p.241–248, 2017. DOI:10.15689/AP.2017.1602.15.

CIARROCHI, Joseph; CHAN, Amy; CAPUTI, Peter.; ROBERTS, Richard. Measuring emotional intelligence (EI). In: CIARROCHI, Joseph. V.; FORGAS, Joseph P.; MAYER, John. D. **Emotional intelligence in everyday life**. Philadelphia, PA: Psychology Press, p. 25–44, 2001.

CHIESA, Antonia, GOLDSOHN, Edward. Child Sexual Abuse. ed .38. *Pediatrics in Review*, p. 105-118, 2017. DOI: 10.1542/pir.2016-0113.

CLARK, Charlotte; CALDWELL, Tanya; POWER, Chris; STANSFELD, Stephen. Does the influence of childhood adversity on psychopathology persist across the lifecourse? A 45-year prospective epidemiologic study. **Ann Epidemiol**, v. 20, n. 5, p. 385-394, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annepidem.2010.02.008>.

CLOITRE Marylene; SCARVALONE Polly; DIFEDE Joann. Posttraumatic stress disorder, self-and interpersonal dysfunction among sexually retraumatized women. **Journal of Traumatic Stress**, v.10, n.3 p. 437–452, 1997.

CORREIA, Fernanda Maria de Lira. **Estudos de validação de uma bateria de testes de inteligência emocional**. 2008. 90f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31693>

COYLE, Eimear, KARATZIAS, Thanos, SUMMERS, Andy, POWER, Mick. Emotions and emotion regulation in survivors of childhood sexual abuse: The importance of “disgust” in traumatic stress and psychopathology. **European Journal of Psychotraumatology**, v.5, n.1, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.3402/ejpt.v5.23306>.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v.43, n.6, p.1241-1299, 1991. DOI: <https://doi.org/10.2307/1229039>.

CRISMAN, Micaela; BASCELLI, Elisabetta; PACI, Daniela; ROMITO, Patrizia. **Adolescents who experienced sexual abuse: fears, needs and impediments to disclosure**. **Child Abuse Neglect**, v. 28, n. 10, p. 1035-1048, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.03.015>.

CUNHA, Edite da Penha; SILVA, Eduardo Moreira; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. **Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil: expansão do PAIR em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violence: a global public health problem. **Ciência**

& **Saúde Coletiva**; v.11, n.2, p.277-292, 2006. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200007>.

DVIR, Yael.; FORD, Julian. D.; HILL, Michael.; FRAZIER, Jean. A. Childhood maltreatment, emotional dysregulation, and psychiatric comorbidities. **Harvard Review of Psychiatry**, v.22, n.3, p.149-161, 2014. DOI:<http://dx.doi.org/10.1097/HRP.0000000000000014>.

ELLIOT, Ann N.; CARNES, Connie N. Reactions of nonoffending parents to the sexual abuse of their child: A review of the literature. **Child Maltreatment**, v.6, p.314-331, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077559501006004005>.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE-ECA, 6ed. Disposições Constitucionais Pertinentes, Lei nº 8.769 de 13 de julho de 1990. **Senado Federal**-Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005.

FÁVERO, Marisalva Fernandes. **Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores**. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.

FELIPE, Jane. Afinal quem é mesmo o pedófilo? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, 2006.

FELIZMINO, Thiago de Oliveira, SILVA, Joilson Pereira. Autoindicação do bullying frente as crenças do abuso sexual. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v.10, n.3, p.415-428, 2021. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v10i3.4000.

FERENCZI, Sándor. Confusão de línguas entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão. **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**, v.13, n.1, p. 13-24, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5281/sppa%20revista.v13i3.563>

FINKELHOR, David; REDFIELD. How the public defines sexual abuse. In David Finkelhor (Ed.), **Child sexual abuse: New theory and research**. p.107-133, New York: Free Press, 1984.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérnago. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p.139-44,

2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>

GARBIN, Cléa Adas Saliba; DIAS, Isabella de Andrade Dias; ROVIDA, Tânia Adas Saliba; GARBIN, Artênio José Ísper. Desafios do profissional de saúde na notificação da violência: Obrigatoriedade, efetivação e encaminhamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 1879-1890, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/630/63038653024.pdf>.

GARCÍA-SANCHO, Esperanza; SALGUERO, José M.; FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo. Relationship between emotional intelligence and aggression: A systematic review. **Aggression and Violent Behavior**, v. 19, n. 5, p. 584-591, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.07.007>.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; JESUS, Jaqueline Gomes de. Heterocentrismo e ciscentrismo: crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. **Revista Universo Psi**, v.1, n. 1, p. 1-20, 2020.

GERKO, Karen van; HUGHES, Mari Laura; HAMILL, Michelle, WALLER, Glenn. Reported childhood sexual abuse and eating-disordered cognitions and behavior. **Child Abuse & Neglect**, v. 29, n. 4, p. 375-382, 2005. DOI: [10.1016/j.chiabu.2004.11.002](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.11.002).

GRATZ, Kim L.; BORNOVALOVA, Marina A., DELANY-BRUMSEY Ayesha; NICK Bettina; LEJUEZ, CW. A laboratory based study of the relationship between childhood abuse and experiential avoidance among inner-city substance abusers: The role of emotional nonacceptance. **Behavior Therapy**, v.38, p. 256-268, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.beth.2006.08.006>.

GROSS, James J. **Handbook of emotion regulation**. 2 ed., New York, NY: Guilford, 2014.

GROSS, James J. Emotion regulation: Current status and future prospects. **Psychological inquiry**, v. 26, p.1-26, 2015. DOI: [10.1080/1047840X.2014.940781](https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.940781).

GROSS, James J.; JOHN, Oliver P. Individual Differences in Two Emotion Regulation Processes: Implications for Affect, Relationships, and Well-Being. **Journal of Personality and**

Social Psychology, v.85, n.2, p.348-362, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348>

GROSS, James J.; THOMPSON, Ross A. Emotion Regulation: Conceptual Foundations. In: James J. Gross (Ed.), **Handbook of emotion regulation**. New York, NY: The Guilford Press, 2007.

GUEDES, Alessandra; BOTT, Sarah; GARCIA-MORENO, Cláudia; COLOMBINI, Manuela. Bridging the gaps: a global review of inter sections of violence against women and violence against children. **Global Health Action**, v.9, n.1, 2016. DOI:<https://doi.org/10.3402/gha.v9.31516>

GUTTMAN, Luís. A basis for analyzing test-retest reliability. **Psychometrika**, v.10, n.4, p. 255-282, 1945. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02288892>.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Sílvia Helena; AZEVEDO, Gabriela Azen; MACHADO, Paula Xavier. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n.3, p. 341-348, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>.

HOLMES, Ronald M.; HOLMES, Stephen T. **Profiling Violent Crimes: an Investigative Tool**. New Delhi: US, 2002.

HORNOR, Gail. Child Sexual Abuse: Psychosocial Risk Factors. **J Pediatric Health Care**, v.16, p.187-92, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1067/mps.2002.122223>.

HUNT, Robyn; WALSH, Kerryann. Parents' views about child sexual abuse prevention education: a systematic review. **Australasian Journal of Early Childhood**, v. 36, n. 2, p. 63-76, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/18369391110360020>.

JONZON, Eva; LINDBLAND, Frank. Disclosure, reactions, and social support: Findings from a sample of adult victims of child sexual abuse. **Child Maltreatment**, v.9, n.2, p. 190-200, 2004. DOI: [10.1177/1077559504264263](https://doi.org/10.1177/1077559504264263).

JUÁREZ-JUÁREZ, Brenda; ROJAS-HERNÁNDEZ, Sergio Alejandro; SILVA-RIVERA, Manuel Eduardo; LANDAVERDE-NERI, Juan Pablo. Desarrollo de un Sistema de información para Evaluación de la Confiabilidad de Cuestionarios mediante el coeficiente de Cronbach. **Revista de Tecnología Informática**, p.1–15, 2019. DOI:<https://doi.org/10.35429/JCT.2019.9.3.1.15>

LAGO, Beatriz Rodrigues. **Família do Lado Esquerdo do Peito? Uma Análise da Proteção Jurídico - Penal em Fase do Abuso Sexual Infantil Intrafamiliar com Enfoque na Revitimização da Vítima**. Centro Universitário UNDB. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/jspui/handle/areas/517>. Acesso em: 29 Out. 2021.

LANDINI, Tatiana Savoia. **O Professor diante da violência Sexual**. Cortez, 1 ed. 2011.

LANG, Peter J. The emotion probe: Studies of motivation and attention. *American psychologist*, v. 50, n. 5, p. 372-385, 1995. DOI: 10.1037//0003-066x.50.5.372.

LEIFER, Myra; KILBANE, Teresa; GROSSMAN, Gail. A three-generational study comparing the families of supportive and unsupportive mothers of sexually abused children. **Child Maltreatment**, v. 6, p.353-364, 2001.

LEVENSON, Robert W. The intrapersonal functions of emotion. **Cognition and Emotion**, v. 13, n. 5, p. 481-504, 1999. DOI: 10.1080/026999399379159.

LUCENA, Maria Luisa Barros Santos. **Abuso sexual de crianças e adolescentes: Padrão comportamental do abusador e características do crime**. 2021. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/25595/1/PDF%20-%20Maria%20Luisa%20Barros%20Santos%20Lucena.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2023.

MACCANN, Carolyn, JOSEPH, Dana L ; NEWMAN, Daniel A; ROBERTS, Richard. Emotional intelligence is a second-stratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. **Emotion**, v.14, n.2, pp.358-374. DOI: 10.1037/a0034755, 2014.

MACHADO, Carla. Abuso sexual de crianças. In: MACHADO, Carla; GONÇALVES, Rui Abrunhosa (Eds.). **Violência e Vítimas de Crimes: Crianças**, p. 41-93. Coimbra: Quarteto, 2008.

MACHADO, Carla; GONÇALVES, Miguel; MATOS, Marlene. **Escala para avaliação do enquadramento cultural da violência contra mulheres e crianças**. Psiquilibrios, Braga: Universidade do Minho, 2000.

MACIEL, Silvana Carneiro; PEREIRA, Cícero Roberto; LIMA, Tiago Jessé Souza de; SOUZA, Luana Elayne Cunha de. Desenvolvimento e validação da escala de crenças sobre a doença mental. **Psychology**, v. 28, n. 3, p. 463-473, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528305>.

MAGALHÃES, Teresa; RIBEIRO, Catarina. A Colheita de Informações a Vítimas de Crimes Sexuais. **Acta Med Port**, v. 20, p. 439-445, 2007.

MARIA, Susana Gabriela da Silva. **Abusos sexuais de crianças: Mudanças resultantes de uma intervenção preventiva** [Tese de doutorado em Psicologia Comunitária]. Lisboa: ISPA – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2012.

MASON, Fiona, LODRICK, Zoe. Psychological consequences of sexual assault. **Best Pract Res Clin Obstet Gynaecol**. v.27, n.1, p.27-37, 2013. DOI: 10.1016/j.bpobgyn.2012.08.015.

MATOS, Karla Julianne Negreiros de; PINTO, Francisco José Maia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina. Violência sexual na infância associa-se a qualidade de vida inferior em universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, n.1, p.10-17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000178>

MAYER, John D.; DIPIAULO, Maria. T.; SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. **Journal of Personality Assessment**, v. 54, p. 772-781, 1990. DOI: 10.1080/00223891.1990.9674037.

MAYER, John D., CARUSO, David R., SALOVEY, Peter. The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. **Emotion Review**, v. 8, n. 4, p. 290-300, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073916639667>.

MAYER, John D.; CARUSO, David R.; SITARENIOS, Gill; ESCOBAR, Manolo Romero. How many emotional intelligence abilities are there? An examination of four measures of emotional intelligence, **Personality and Individual Differences**, v. 219, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112468>

MAYER, John D.; ROBERTS, Richard. D.; BARSADÉ, Sigal G. Human abilities: Emotional intelligence. **Annual Review of Psychology**, v. 59, p. 507–536, 2008. DOI: 10.1146/annurev.psych.59.103006.093646.

MAYER, John D.; SALOVEY, Peter.; CARUSO, David R. Emotional intelligence meets standards for an intelligence. **Intelligence**, v. 27, n. 4, p. 267-298, 1999. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0160-2896\(99\)00016-1](https://doi.org/10.1016/S0160-2896(99)00016-1).

MAYER, John D.; SALOVEY, Peter; CARUSO, David R. Models of Emotional Intelligence. In: STERNBERG, Robert J. (Ed.), **Handbook of Intelligence**, Cambridge University Press, Cambridge, p. 396-420, 2000.

MELLO, Rordrigo Pontes. **Caracterização do Estupro e o Perfil do Estuprador**. 2005. Monografia do Curso de Psicologia. Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande, 2005.

MENDES, Anna Paula Njaime; FRANÇA, Cassandra Pereira. Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. **Psicologia em Estudo**, v.17, n.1, p.121-130, 2012.

MILLER-PERRIN, Cindy L.; PERRIN, Robin D. **Child Maltreatment: An Introduction**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1999.

NASCIMENTO, Thaíssy dos Santos. **Competências emocionais, alterações de humor e**

crenças de eficácia em professores do ensino público. 2022. 84f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva)-UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46863>

NEVES, Ana Sofia; CAMEIRA, Miguel; MACHADO, Márcia; DUARTE, Vera; Machado, Francisco. Beliefs on marital violence and self-reported dating violence: A comparative study of Cape Verdean and Portuguese adolescent. **Journal of Child & Adolescent Trauma**, v. 11, p.197-204, 2016. DOI:10.1007/s40653-016-0099-7.

NICOLETTI, Marcela; GIACOMOZZI, Andréia Isabel; CABRAL, Maria Fernanda. Análisis de dos estudios de casos de abuso sexual cometidos por madres. **Revista de Psicología (PUCP)**, v. 35, n. 2, p. 423-452, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18800/psico.201702.002>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014.** São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>

PAIXÃO, Érica Souza; NETO, João Clemente Souza. O abuso sexual de crianças e adolescentes: considerações sobre o fenômeno. **Revista Internacional de Riscos**, v.1, n.27, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_27-1_8.

PEIXOTO, Isaías; MUNIZ, Monalisa; MIGUEL, Fabiano Koich e BUENO, José Maurício Haas. Evidências de validade para o teste de compreensão emocional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 3, p. 184-199, 2019.

PEREIRA, Camila de Alencar; MACIEL, Silvana Carneiro, DIAS, Camila Cristina Vasconcelos; ALEXANDRE, Tátia Mirellis de Oliveira; OLIVEIRA, Marcelo Xavier de; PIMENTEL, Carlos Eduardo. Validação da Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) no Contexto Brasileiro. **Psico-USF**, v. 24, n. 1, p. 145–158, jan. 2019.

PETRIDES, Konstantinos V. Intelligence, Emotional. **Reference Module in Neuroscience and Biobehavioral Psychology**, p. 1–6, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-809324-5.05601-7>.

PINCOLINI, Ana Maria Franchi; HUTZ, Cláudio Simon. Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: Pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, 2014. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2014.2-03>.

PIRES, Ana L. D.; MIYAZAKI, Maria C. O. S. Maus-Tratos Contra Crianças e Adolescentes: Revisão da Literatura para Profissionais da Saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 12, 42-49, 2005.

PINTELLO, Denise; ZURAVIN, Susan. Intrafamilial child sexual abuse: Predictors of postdisclosure maternal belief and protective action. **Child Maltreatment**, v.6, p.344-352, 2001.

PRIMI, Ricardo. Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 67-77, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712003000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2023.

POSIT TEAM. **RStudio: Integrated Development Environment for R**. Posit Software, PBC, Boston, MA, 2024. Disponível em: <http://www.posit.co/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2023. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

RAMÍREZ, Meilyn Ricardo; QUESADA, Leonor Ramírez. **El abuso sexual en la infancia y sus secuelas**. Santiago de Cuba: MEDISAN. v.25, n.4, 2021.

REIS, Deidre L., BRACKETT, Marc A., SHAMOSH, Noah A., KIEHL, Kent A., SALOVEY, Peter, GRAY, Jeremy R. Emotional intelligence predicts individual differences in social exchange reasoning. **NeuroImage**, v.35, n.3, p. 1385-1391, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2006.12.045>

RELEMBRE O CASO DE ARACELI: história da criança que foi raptada, drogada, estuprada e morta no ES ainda é cercada de mistérios. **G1**, 18 mai. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/05/18/relembre-caso-araceli-crianca-raptada-drogada-estuprada-morta-es.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2023.

Resolução nº 009, de 25 de abril de 2018. Estabelece diretrizes para a realização de avaliação psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o sistema de avaliação de testes psicológicos - satepsi e revoga as resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e notas técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Brasília, df: conselho federal de psicologia.

RIBAS, Deyse Aparecida. **Teoria da mente e compreensão das emoções: um estudo comparativo com alunos do ensino fundamental**. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2438>

RIBEIRO, Catarina. **A criança na justiça – Trajetórias e significados do processo judicial de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar**. Coimbra: Almedina, 2009.

RIBEIRO, Alexandra; SOEIRO, Cristina. **Crenças sobre o abuso sexual em profissionais de educação**. VI Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça. 2011.

RUSSELL, James A. A circumplex model of affect. **Journal of personality and social psychology**, v. 39, n. 6, p. 1161-1178, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0077714>.

SALOVEY, Peter; MAYER, John D. Emotional intelligence. **Imagination, Cognition and Personality**, v. 9, p. 185-211, 1990. DOI: <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>.

SANTOS, Samara Silva dos.; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 328-335, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000200013>

SEQUEIRA, Maria João Ribeiro. **Abuso Sexual Infantil O Processo de Revelação do Abuso Sexual: Reações Paternas**. 2013. 31f. Dissertação (Mestrado em Psicocriminologia) - ISPA - Instituto Universitário Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2555>. Acesso em: 2 de set.2024.

SERAFIM, Antônio de Pádua.; SAFFI, Fabiana; ACHÁ, Maria Fernanda Faria; BARROS, Daniel Martins. Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 143-147, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400006>.

SERAFIM, Antônio de Pádua; SAFFI, Fabiana; RIGONATTI, Sérgio Paulo; CASOY, Ilana; BARROS, Daniel Martins. Perfil Psicológico e Comportamental de Agressores Sexuais de Crianças. São Paulo: **Revista Psiquê Clínica**, v.36, n.3, p. 101-11, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000300004>.

SIEGEL, Judith P.; FORERO, Ruth M. Splitting and emotional regulation in partner violence. **Clinical Social Work Journal**, v.40, p.224-230, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10615-011-0352-3>.

SILVA, Amanda Amâncio da; INADA, Jaqueline Feltrin. **As implicações psicológicas e comportamentais do abuso sexual infantil**. Encontro Internacional de Produção Científica, 2013.

SMITH, Allen C. I.;KLEINMAN, Sherryl. Managing emotions in medical school: Students' contacts with the living and the dead. **Social Psychology Quarterly**, v.52, n.1, p. 56–69, 1989. DOI: <https://doi.org/10.2307/2786904>.

SRIVASTAVA, Sanjay; TAMIR, Maya; MCGONIGAL, Kelly M; JOHN, Oliver P.; GROSS, James J. The social costs of emotional suppression: A prospective study of the transition to college. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.96, p.883-897, 2009.

STEEL, Jennifer; SANNA, Lawrence; HAMMOND, Barbara; WHIPPLE, James; CROSS, Herbert. Psychological sequelae of childhood sexual abuse: Abuserelated characteristics,

coping strategies, and attributional style. **Child Abuse & Neglect**, v.28, p.785-801, 2004.

SWANSTON, Heather Y.; PARKINSON, Patrick N.; O'TOOLE, Brian I.; PLUNKETT, Angela M.; SHRIMPTON, Sandra; OATES, R. Kim. Juvenile crime, aggression and delinquency after sexual abuse. **British Journal of Criminology**, v. 43, p.729-49, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1093/bjc/43.4.729>.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO. **Acusados do homicídio do menino Flávio da Silva Macedo são condenados**. Recife, PE: Tribunal de Justiça de Pernambuco, 2020.

TRINIDAD, Dennis R.; JOHNSON, C. Anderson. The association between emotional intelligence and early adolescent tobacco and alcohol use. **Personality and Individual Differences**, v. 32, p. 95-105, 2002.

TULL, Matthew T.; BARRETT, Heidi M.; MCMILLAN, Elaine S.; ROEMER, Lizabeth. A preliminary investigation of the relationship between emotion regulation difficulties and posttraumatic stress symptoms. **Behavior Therapy**, v.38, p.303–313, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.beth.2006.10.001>.

VALENTE, Sabina; MONTEIRO, Ana Paula; LOURENÇO, Abílio Afonso. Inteligência emocional na gestão da disciplina em sala de aula. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**, p. 46-51, 2017.

YSTGAARD, Mette; HESTETUN, Ingebjørg; LOEB, Mitchell; MEHLUM, Lars. Is there a specific relationship between childhood sexual and physical abuse and repeated suicidal behavior?. **Child Abuse Neglect**, v. 28, n. 8, p. 863-875, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.01.009>.

WALSH, Kate; DILILLO, David; SCALORA, Mário. The cumulative impact of sexual revictimization on emotion regulation difficulties: An examination of female inmates. **Violence Against Women**, v.17, n.8, p.1103-1118, 2011. <http://dx.doi.org/10.1177/1077801211414165>.

ZALSMAN, Gil; LEVY, Tomer; SHOVAL, Gal. Interaction of child and Family

psychopathology leading to suicidal behavior. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 31, n. 2, p. 237-246, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psc.2008.01.009>.

ZAMBON, Mariana Porto; JACINTHO, Antônio Carvalho de Ávila; MEDEIROS, Michelle Marchi de; GUGLIELMINETTI, Rachel; MARMO, Denise Barbieri. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v.58, n.4, 465-471, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302012000400018>.

ZEITLIN, S.B.; MCNALLY, R.J.; CASSIDAY, K.L. Alexithymia in victims of sexual assault: An effect of repeated traumatization. **American Journal of Psychiatry**, v.150, p.661–663, 1993. DOI: 10.1176/ajp.150.4.661

APÊNDICE A - Termo de Compromisso e Confidencialidade

Título do projeto: Inteligência Emocional e crenças sobre o Abuso Sexual de crianças e adolescentes.

Nome Pesquisador responsável: Maria Luisa Barros Santos Lucena

Instituição/Departamento de origem do pesquisador: Universidade Federal de Pernambuco/Programa de pós-graduação em Psicologia Cognitiva

Endereço completo do responsável: [REDACTED]
[REDACTED]

Telefone para contato: [REDACTED] **E-mail:** maria.blucena@ufpe.br

Orientador/fone contato/e-mail: José Maurício Haas Bueno/ [REDACTED]

mauricio.bueno@ufpe.br

Coorientadora/fone contato/e-mail: Aline Lobato Costa/ Telefone: [REDACTED] / e-mail: lobato@servidor.uepb.edu.br

O pesquisador do projeto acima identificado assume o compromisso de:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – CEP/UFPE e que os dados coletados serão armazenados pelo período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados serão estudados e divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificá-los;
- Garantir o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais, além do devido respeito à dignidade humana;
- Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Final da pesquisa;

Os dados coletados nesta pesquisa de aplicação de inventário, escalas e questionário sociodemográfico ficarão armazenados em pastas seguras e protegidas em um dispositivo de armazenamento de dados de uso exclusivo da pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora

Maria Luisa Barros Santos Lucena, Telefone: [REDACTED], e-mail: maria.blucena@ufpe.br de seu orientador José Maurício Haas Bueno, Telefone: [REDACTED], e-mail: mauricio.bueno@ufpe.br, e coorientadora Aline Lobato Costa, Telefone: [REDACTED], e-mail: lobato@servidor.uepb.edu.br, no endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Av. Arquitetura, s/n - CFCH, 8º Andar Cidade Universitária, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Recife, 09 de janeiro de 2024.

[REDACTED]

Assinatura da pesquisadora responsável

**APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (Para pais/responsáveis
legais pelo menor de 18 anos - TCLE)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “Inteligência Emocional e crenças sobre o Abuso Sexual de crianças e adolescentes”, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Maria Luisa Barros Santos Lucena, endereço [REDACTED] [REDACTED] – Telefone: 83 [REDACTED] e-mail: maria.blucena@ufpe.br, Sob a orientação de: José Maurício Haas Bueno Telefone: [REDACTED], e-mail: mauricio.bueno@ufpe.br e coorientação de: Aline Lobato Costa/ Telefone: [REDACTED] / e-mail: lobato@servidor.uepb.edu.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que clique no local de aceitar participar da pesquisa afim de dar continuidade a mesma.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O abuso sexual infanto-juvenil é uma das formas de violência sexual que perpassa as mais diversas áreas do ser humano ao longo da história, depreende-se que o abuso é toda forma de gratificação sexual do agressor perante uma vítima mais jovem que não compreende a circunstância. Contudo, apesar de sua relevância, o assunto ainda contém lacunas para prevenção, repressão e solução do mesmo. Assim, a presente pesquisa faz uma explanação da

definição, dados, tipos, consequências, crenças acerca e o processo cognitivo da inteligência emocional como aporte para compreensão do tema. O objetivo da presente pesquisa é analisar o efeito da inteligência emocional nas crenças de adultos sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes. A pesquisa usará como procedimento respostas a 4 questionários, todos de forma virtual pela plataforma *Google Formulários*, de forma individual, feita uma única vez de acordo com o participante, sem tempo mínimo de resposta, podendo, inclusive, parar quando quiser e retornar depois. Participar da pesquisa pode ocasionar desconfortos emocionais devido à sensibilidade do tema e das etapas, contudo os pesquisadores se manterão disponíveis para fazer encaminhamento psicológico, caso necessite, através do contato: maria.blucena@ufpe.br, além de enfatizar que pode haver desistência da pesquisa a qualquer momento, também é importante ressaltar a possibilidade de cansaço ou fadiga por conta do tempo de tela necessário para conclusão em vistas que a coleta se dá de forma virtual. No entanto, ela também trará benefícios como auxílio à ciência na busca de melhoria social e acadêmica frente à essa temática de relevante interesse e impacto nos campos básicos da vida humana, tais como o social, a saúde e a segurança pública.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa inventários, escalas, questionários e gráficos, ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Luisa Barros Santos Lucena, Telefone: [REDACTED], e-mail: maria.blucena@ufpe.br, seu orientador José Maurício Haas Bueno, Telefone: [REDACTED], e-mail: mauricio.bueno@ufpe.br e coorientadora Aline Lobato Costa, Telefone: [REDACTED], e-mail: lobato@servidor.uepb.edu.br no endereço Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Av. Arquitetura, s/n - CFCH, 8º Andar Cidade Universitária, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores

(ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**



(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “Inteligência Emocional e crenças sobre o Abuso Sexual de crianças e adolescentes”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C – Questionário Sociodemográfico

Pergunta Base

Você já sofreu, presenciou ou conhece alguém próximo que tenha sofrido abuso sexual?

() Sim

() Não

Alerta de gatilho

Os questionários desta pesquisa envolvem descrições de situações de abuso e podem ocasionar gatilhos para pessoas sensíveis a este tema. Assim, pensando em seu bem-estar tal como um prosseguimento eficaz da pesquisa, pergunta-se:

Você está certo(a) de que quer continuar?

Caso não queira, não te acarretará nenhuma consequência, fique tranquilo(a) para responder.

() Sim

() Não

1. E-mail: _____

2. Idade:

3. Como você se identifica em termos de gênero?

Sabemos que gênero pode ser uma experiência pessoal e única, então sinta-se livre para escolher a opção que melhor representa sua identidade. Se preferir, também pode compartilhar sua própria descrição.

() Masculino () Feminino () Não-binário () Transgênero () Prefiro não dizer

4. Escolaridade:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-Graduação () Sem escolaridade

5. Caso esteja na universidade ou pós, qual seu curso? Caso não esteja cursando ou já tenha cursado, só responder: Não estou cursando/Não cursei.

6. Caso você esteja na graduação ou pós, qual sua Universidade/Faculdade? Caso não esteja cursando ou já tenha cursado, só responder: Não estou cursando/Não cursei.

7. Você é de qual estado do Brasil:

() Estrangeiro () Acre () Alagoas () Amapá () Amazonas () Bahia () Ceará () Distrito Federal () Espírito Santo () Goiás () Maranhão () Mato Grosso () Mato Grosso do Sul () Minas Gerais () Pará () Paraíba () Paraná () Pernambuco () Piauí () Rio de Janeiro () Rio Grande do Norte () Rio Grande do Sul () Rondônia () Roraima () Santa Catarina () São Paulo () Sergipe () Tocantins.

8. Qual sua renda:

- () Até 1 salário mínimo (R\$ 1.412,00)
- () De 1 a dois salários mínimos (De R\$ 1.413,00 a R\$ 2.824,00)
- () De 2 e 3 salários mínimos (De R\$ 2.825,00 a R\$ 4.236,00)
- () De 3 a 4 salários mínimos (De R\$ 4.237,00 a R\$ 5.648,00)
- () 4 salários mínimos ou mais (R\$ 5.649,00 ou mais)

9. Estado Civil:

() Solteiro () Casado/a () Em união estável () Divorciado/a () Viúvo/a

10. Você sofreu algum tipo de abuso sexual quando criança e/ou adolescente?

Sim () Não ()

11. Você conhece alguém próximo que tenha sofrido algum tipo de abuso sexual quando criança e/ou adolescente?

Sim () Não ()

12. Você não sofreu bem como não conhece alguém que tenha sofrido algum tipo de abuso sexual quando criança e/ou adolescente?

Sim () Não ()

ANEXO A – Inventário de Competências Emocionais (ICE-R)

INVENTÁRIO DE COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS (VERSÃO 3.0)

Maurício Bueno & Fernanda Maria de Lira Correia

Nome: Idade: anos Sexo: Instruções: Este teste é composto por frases que você deve ler atentamente e responder, por meio de uma escala de 1 a 5, de que forma elas se aplicam ao seu caso. Escolha 1 se o conteúdo da frase “absolutamente não se aplica ao seu caso” e 5 se o conteúdo “se aplica perfeitamente ao seu caso”. Também poderá escolher valores

Itens	1	2	3	4	5
1. Tenho jeito para lidar com pessoas problemáticas.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Detecto a influência, positiva ou negativa, que outras pessoas exercem sobre as minhas emoções.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Por mais que tente, não consigo controlar a expressão do que estou sentindo.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Sei como gerar em mim mesmo o sentimento apropriado para aquilo que tenho que fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Procuro compreender a causa emocional dos comportamentos das pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Tenho facilidade de expressar o que sinto.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Consigo perceber a diferença entre o que eu deveria ou gostaria de sentir e o que realmente sinto numa situação.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Sei como acalmar uma pessoa eufórica, sem desanimá-la.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Coloco-me no lugar das pessoas para compreender os seus sentimentos.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Noto quando estou me sentindo mal, mesmo sem saber a causa.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Conheço meios para melhorar meu estado emocional.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Noto rapidamente quando um sentimento está aumentando perigosamente de intensidade.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Evito deixar que o meu mau humor influencie o meu relacionamento com as pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Sou capaz de me motivar novamente quando algo na minha vida não sai bem.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Sei como motivar uma pessoa desanimada, sem constrangê-la.	☐	☐	☐	☐	☐

intermediários (2, 3 e 4) a esses dois extremos, caso considere mais pertinente. Como pode perceber, não há respostas certas ou erradas, pois elas apenas descrevem sua maneira de ser. Bom trabalho!

Itens	1	2	3	4	5
16. Frustrações deixam-me desanimado/a por bastante tempo.	☐	☐	☐	☐	☐
17. Quando estou tomado(a) pela emoção, procuro afastar-me da situação até que possa encará-la de modo mais sereno.	☐	☐	☐	☐	☐
18. Sou capaz de expressar os meus sentimentos de apreço por alguém.	☐	☐	☐	☐	☐
19. Percebo o impacto, positivo ou negativo, do meu comportamento sobre outras pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
20. Consigo expressar o meu descontentamento de forma apropriada.	☐	☐	☐	☐	☐
21. Sou capaz de me livrar facilmente da tristeza.	☐	☐	☐	☐	☐
22. Identifico as atividades que me deixam de mau humor.	☐	☐	☐	☐	☐
23. Consigo ajudar outras pessoas a se sentirem melhor.	☐	☐	☐	☐	☐
24. Quando estou com um sentimento negativo, sei o que devo fazer para me sentir melhor.	☐	☐	☐	☐	☐
25. Consigo controlar a minha irritação.	☐	☐	☐	☐	☐
26. Sei como acalmar uma pessoa nervosa.	☐	☐	☐	☐	☐
27. Consigo vencer o meu desânimo.	☐	☐	☐	☐	☐
28. Tenho vergonha de expressar os meus sentimentos.	☐	☐	☐	☐	☐
29. Sei como motivar as pessoas para darem o melhor de si.	☐	☐	☐	☐	☐
30. Consigo controlar-me para não agir sob influência da euforia, quando necessário.	☐	☐	☐	☐	☐
31. Sei como encorajar uma pessoa a enfrentar o seu medo.	☐	☐	☐	☐	☐
32. Sou emocionalmente expressivo.	☐	☐	☐	☐	☐
33. Identifico quando uma pessoa está ou não disposta a me ajudar.	☐	☐	☐	☐	☐
34. “Conto até dez” para não agir descontroladamente.	☐	☐	☐	☐	☐

ANEXO B – ESCALA DE CRENÇAS SOBRE O ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O instrumento contém 17 itens da escala original, com opções de resposta em uma escala Likert de 5 pontos que varia de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Tabela 1.

Estrutura Fatorial da Escala de Crenças Sobre o Abuso Sexual (ECAS)

Itens
1. É muito raro uma criança/adolescente ser abusada sexualmente.
2. Só as meninas são vítimas de abuso sexual.
3. As pessoas que abusam sexualmente de crianças/adolescentes são quase sempre desconhecidas.
4. A maioria das queixas de abuso sexual são fantasias da criança/adolescente.
5. Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais.
6. As crianças podem provocar o abuso pelo seu comportamento sedutor.
7. Só se pode falar em abuso quando há violência.
8. A maioria das queixas de abuso são inventadas pelas mães (por exemplo: nos casos de divórcio).
9. Se uma menina já foi abusada antes, então é natural que outros homens abusem dela.
10. Se alguém abusa sexualmente de uma criança/adolescente é porque não consegue arranjar parceiras(os) adultas(os).
11. Se uma criança/adolescente só se queixa do abuso muito mais tarde, então ele provavelmente não existiu.
12. As adolescentes levam homens mais velhos a abusar delas.
13. Só com crianças pequenas é que se pode falar de abuso. Se um(a) adolescente se envolve com alguém mais velho, a culpa é sua.
14. Se o abusador não tiver magoado a criança/adolescente, o abuso é pouco grave.
15. Só se pode falar de abuso se a criança/adolescente resistir fisicamente.
16. A maioria das queixas de abuso sexual são falsas.
17. Se não houver penetração, então o abuso é pouco grave.

ANEXO C - Medidor de Humor

A seguir, você encontrará trechos de notícias sobre abusos sexuais de crianças e adolescentes. Por favor, leia atentamente as notícias e responda sobre seu **nível de energia** e **sentimento** após lê-las.

Para um melhor resultado, responda com o celular na horizontal.

Notícia 1 - Homem de 33 anos é preso por suspeita de abuso sexual contra menina de 7 anos em banheiro público no Paraná

“Um homem de 33 anos foi preso em flagrante por suspeita de abusar sexualmente de uma menina de 7 anos em um banheiro público do Lago Central de Toledo, no oeste do Paraná. Conforme a Polícia Militar, o suspeito foi visto por duas mulheres saindo do banheiro público feminino. Elas desconfiaram do crime ao verem a criança chorando no local. Testemunhas também contaram que viram o homem abotoando a calça.

"Duas mulheres estavam entrando no banheiro do Lago Municipal de Toledo, no banheiro feminino, e viram o rapaz saindo da cabine. Elas questionaram o que ele estava fazendo ali, ele falou que não estava fazendo nada, que tinha se confundido. Só que tinha uma criança na cabine que ele estava saindo, saindo também ajustando a calça dele. A criança chorando", afirmou o policial.

Na sequência, as mulheres pediram por socorro e populares conseguiram conter o homem, que tentou fugir do local. Uma equipe da PM foi acionada e se direcionou até o Lago Municipal. Chegando no local, o suspeito tentou fugir novamente, mas foi preso em flagrante por desobediência e estupro de vulnerável.”

Fonte: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2023/12/18/homem-de-33-anos-e-preso-por-suspeita-de-abuso-sexual-contra-menina-de-7-anos-em-banheiro-publico-no-parana.ghtml>

Qual o seu **sentimento** após ler a Notícia 1?

1 2 3 4 5

Muito desagradável () () () () () Muito agradável

Qual o seu **nível de energia e disposição** ao ler a Notícia 1?

1 2 3 4 5

Sem energia, desanimado () () () () () Com energia total, pronto para reagir

Notícia 2 - Polícia investiga denúncia de abuso sexual contra criança de 5 anos em escola pública, no DF

“A Polícia Civil do Distrito Federal investiga um caso de abuso sexual contra um menino de 5 anos em uma escola pública no Recanto das Emas. Segundo a denúncia, o crime foi cometido por um monitor da unidade de ensino. À TV Globo, a mãe do menino contou que estranhou a forma como o filho passou a se lavar no banho. "Eu falei assim: alguém já mexeu no seu negocinho? Ele já me relatou logo: 'sim, o tio que cuida de mim na sala'", disse a mulher.

Segundo a mãe, "tio" é um educador social voluntário que ajuda a professora em sala de aula no Jardim de Infância. Em nota, a Secretaria de Educação informou que o homem foi desligado da função. A vítima faz parte de uma turma especial, que precisa do auxílio de um monitor. O menino contou para a mãe que o abuso ocorreu na semana passada, na hora do lanche, quando a professora saiu da sala.

"O que mais me dói foi ele falar 'mamãe, ele não parava de mexer. Eu pedia para ele não mexer'", afirmou. Segundo a mulher, a família não recebeu apoio da escola. Ainda segundo a mãe, o filho não conseguiu voltar para as aulas.”

Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/10/17/policia-investiga-denuncia-de-abuso-sexual-contra-crianca-de-5-anos-em-escola-publica-no-df.ghtml>

Qual o seu **sentimento** após ler a Notícia 2?

1 2 3 4 5

Muito desagradável () () () () () Muito agradável

Qual o seu **nível de energia e disposição** ao ler a Notícia 2?

1 2 3 4 5

Sem energia, desanimado () () () () () Com energia total, pronto para reagir

Notícia 3 - Homem é preso por suspeita de estupro e importunação sexual contra enteada em Itupeva

“Um homem de 54 anos foi preso por suspeita de estupro e importunação sexual contra a enteada, de 16 anos, em Itupeva (SP). Segundo o boletim de ocorrência, a vítima foi acompanhada da mãe até a delegacia para relatar os abusos. Aos policiais, a adolescente contou que o padrasto enviava fotos de nudez e mensagens de conteúdo sexual para ela. O homem foi preso em flagrante na casa dele. O caso foi registrado como estupro e importunação sexual no DP de Itupeva e será investigado.”

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/12/28/homem-e-preso-por-suspeita-de-estupro-e-importunacao-sexual-contr-enteada-em-itupeva.ghtml>

Qual o seu **sentimento** após ler a Notícia 3?

1 2 3 4 5

Muito desagradável () () () () () Muito agradável

Qual o seu **nível de energia e disposição** ao ler a Notícia 3?

1 2 3 4 5

Sem energia, desanimado () () () () () Com energia total, pronto para reagir

Notícia 4 - Áudios revelam convite de técnico de vôlei para vítima de abuso sexual no AM: 'venha preparado'

“Áudios de uma conversa por aplicativo de celular revelam um convite feito pelo técnico de vôlei, suspeito de estuprar atletas adolescentes, combinando um encontro com uma das vítimas.

Segundo a polícia, a mensagem estava no celular de um dos adolescentes, encontrados na casa de Walhederson Brandão Barbosa, de 40 anos, no momento da prisão dele.

"Tudo bom, meu filho? Se você vier, venha sozinho, não precisa trazer os outros meninos, não, tá bom? E que você venha preparado hoje, tá bom?" diz.

A Operação Bloqueio, que resultou na prisão de Walhederson, ocorreu no início da manhã desta terça. Policiais civis da Delegacia Especializada de Proteção à Criança e Adolescente (Depca) prenderam o técnico de vôlei na casa dele, na Vila da Prata, na Zona Oeste. No momento da prisão, o homem foi encontrado dormindo com dois atletas, ambos de 15 anos. Cerca de 12 vítimas já foram identificadas pela polícia e há a expectativa de que o número seja maior, segundo as investigações.”

Fonte:<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/11/14/audio-revela-convite-de-tecnico-de-volei-para-vitima-de-abuso-sexual-no-am-venha-preparado.ghtml>

Qual o seu **sentimento** após ler a Notícia 4?

1 2 3 4 5

Muito desagradável () () () () () Muito agradável

Qual o seu **nível de energia e disposição** ao ler a Notícia 4?

1 2 3 4 5

Sem energia, desanimado () () () () () Com energia total, pronto para reagir